

JOÃO PAULO EVANGELISTA CARVALHO

EXPERIÊNCIAS COM UM GRUPO DE CRIANÇAS  
ATRAVÉS DA MÚSICA: UM ESTUDO  
PSICANALÍTICO

PUC-CAMPINAS  
2008

JOÃO PAULO EVANGELISTA CARVALHO

EXPERIÊNCIAS COM UM GRUPO DE CRIANÇAS  
ATRAVÉS DA MÚSICA: UM ESTUDO  
PSICANALÍTICO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia do Centro de Ciências da Vida da PUC-Campinas como parte dos requisitos para obtenção de título de Mestre em Psicologia: área de concentração como Profissão e Ciência.

Orientador: Dr. Antônio I. Tézis.

PUC-CAMPINAS  
2008

Ficha Catalográfica  
Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas e  
Informação - SBI - PUC-Campinas

t618.928914 Carvalho, João Paulo Evangelista.  
C331e           Experiências com um grupo de crianças através da música: um estudo psicanalítico /  
João Paulo Evangelista Carvalho . - Campinas: PUC-Campinas, 2007.  
p.

Orientador: Antônio I. Têrzi.  
Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de  
Ciências da Vida, Pós-Graduação em Psicologia.  
Inclui anexos e bibliografia.

1. Psicoterapia infantil. 2. Música - Psicologia. 3. Musicoterapia. 4. Psicanálise infantil.  
5. Psicoterapia de grupo para crianças. I. Têrzi, Antônio. II. Pontifícia Universidade  
Católica de Campinas. Centro de Ciências da vida. Pós-Graduação em Psicologia.  
III. Título.

22.ed.CDD - t618.928914

## **Agradecimentos**

Ao Dr. Antônio Tézis por toda luz que irradia tanto no trabalho científico como em sua convivência com as pessoas, por ter aberto a mim algumas portas do conhecimento que jamais se fecharão.

À Maria José de Oliveira Kassab que, além de excelente redatora e editora é minha namorada.

Aos meus pais João Artur e Célia Inês por outrora terem apostado em minha educação e agora darem todo seu apoio.

À Colega de mestrado, Giselle, com quem sempre pude dividir fraternalmente a experiência de passar pelo processo do mestrado.

Aos meus colegas de grupo de pesquisa, Márcio Svartman e Valéria Verzignasse.

Às secretárias da pós-graduação da PUC, Elaine, Eliana e Dareide, sempre prontas a ajudar.

A todas as crianças que participaram da pesquisa.

A pedagoga Carmem Paltrinireri, que incentivou e apoiou meu trabalho.

A professora Tânia, que forneceu toda a ajuda para a pesquisa de campo.

A todos meus amigos, em especial, aqueles com que pude discutir as idéias desse trabalho ao longo destes dois anos.

A CAPES, por ter me fornecido uma bolsa de estudos.

## RESUMO

**CARVALHO, João Paulo Evangelista. *Experiências com um grupo de crianças através da música: um estudo psicanalítico*. Campinas, 2008. 143f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia do Centro de Ciências da Vida da PUC-Campinas.**

Compreensão do funcionamento de um grupo de crianças, através da aplicação da técnica *grupo de psicodiagnóstico* (Kaës & Anzieu, 1989), onde levantamos a hipótese do uso da música como facilitadora das expressões emocionais. Foi formado um grupo de dez crianças, com idades entre dez e onze anos, misto, homogêneo e fechado, com a mesma queixa, selecionados conforme seu interesse na participação e a partir da técnica de entrevista semi-dirigida de Bleger (1993). São freqüentadores do projeto *Recriança*, do Instituto Esperança em Valinhos-SP, que os acolhe no período oposto ao escolar, desenvolvendo um trabalho preventivo através da educação informal. Foram realizadas doze sessões de sessenta minutos, três vezes por semana durante um mês, onde foram utilizados instrumentos musicais percussivos como incentivo à realização da tarefa musical e um gravador de som para auxiliar nas transcrições dos encontros. A análise do conteúdo se deu através da técnica de Mathieu (1967) utilizada em pesquisas de cunho qualitativo, que ultrapassa a simples descrição dos conteúdos com a aplicação de inferências que possibilitam uma interpretação aprofundada, a qual foi realizada por dois psicólogos com conhecimento de psicanálise de grupo. Concluímos que a música foi facilitadora da técnica de *grupo psicodiagnóstico* fazendo com que as crianças expressassem seus sentimentos e se conscientizassem deles, que atingissem o sentimento de pertinência grupal, que elaborassem suas inibições, que ampliassem sua capacidade de sociabilidade, que fortificassem seu ego, sendo possível realizar seu psicodiagnóstico.

**Palavras Chave:** Psicanálise de Grupos; Crianças; Música.

## ABSTRACT

**CARVALHO, João Paulo Evangelista. *Experiences with a group of children through music: a psychoanalytic study*. Campinas, 2008. 143f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia do Centro de Ciências da Vida da PUC-Campinas.**

Understanding the operation of a group of children through the application of the group psychodiagnosis technique (Kaës & Anzieu, 1989), where we raised the possibility to use the music as a facilitator of emotional expressions. A mixed, homogenous and closed group of ten children – ages ranging from ten to eleven years, with the same complaint, was gathered and selected according to their interest in participating in the research and as a result of the semi-directed interview technique of Bleger (1993). They regularly attend the *Recriança*, project of the Instituto Esperança in Valinhos-SP which hosts them after their regular school period and aims at developing a preventive work through informal education. Twelve sixty-minute sessions, three times a week, for a month were held. In those sessions, percussive musical instruments were used as a means to encourage them to accomplish the proposed musical task, a recording equipment being used to assist in the transcription of the meetings. The analysis of the content was based on the Mathieu technique (1967) as used in qualitative research - which goes beyond the mere description of the contents with the application of inferences that allow a more detailed interpretation, and which was conducted by two psychoanalysis-group expert psychologists. We conclude that music was a facilitator of the group psychodiagnosis technique in that the children could express and be self-conscious about their feelings, develop a sense of belonging, be able to work on their inhibitions, increase their ability to socialize, strength their ego, which enabled to conduct their psychodiagnosis.

**Keywords:** Psychoanalysis Groups; Children; Music.

# ÍNDICE

<b>1.</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
<b>1.1</b>	<b>Considerações sobre os grupos</b>	<b>1</b>
<b>1.2</b>	<b>Considerações sobre a música</b>	<b>10</b>
<b>2.</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>20</b>
<b>3.</b>	<b>MÉTODO</b>	<b>21</b>
<b>3.1</b>	<b>Sujeitos: um grupo de crianças</b>	<b>21</b>
<b>3.2</b>	<b>Local da Pesquisa e Projeto <i>Recriança</i></b>	<b>22</b>
<b>3.3</b>	<b>Material</b>	<b>22</b>
	<b>Entrevista</b>	<b>22</b>
	<b>Técnica: Grupo de diagnóstico</b>	<b>23</b>
	<b>Instrumentos musicais</b>	<b>24</b>
	<b>Gravador de som</b>	<b>24</b>
<b>3.4</b>	<b>Procedimento</b>	<b>25</b>
	<b>A formação do grupo da pesquisa</b>	<b>25</b>
	<b>Entrevista individual e critérios de exclusão</b>	<b>26</b>
	<b>Enquadre grupal</b>	<b>27</b>
<b>3.5</b>	<b>Análise dos resultados</b>	<b>27</b>

<b>4.</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO</b>	<b>29</b>
	<b>Legenda</b>	<b>29</b>
	<b>Planta do local da pesquisa</b>	<b>30</b>
<b>4.1</b>	<b>1ª Reunião grupal</b>	<b>31</b>
<b>4.2</b>	<b>3ª Reunião grupal</b>	<b>55</b>
<b>4.3</b>	<b>5ª Reunião grupal</b>	<b>75</b>
<b>4.4</b>	<b>12ª Reunião grupal</b>	<b>102</b>
<b>4.5</b>	<b>Análise dos desenhos</b>	<b>122</b>
<b>5.</b>	<b>CONCLUSÃO</b>	<b>128</b>
<b>6.</b>	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>133</b>
	<b>ANEXOS</b>	<b>138</b>

# 1. INTRODUÇÃO

## 1.1 Considerações sobre os grupos

Iniciaremos nossas considerações sobre o estudo dos grupos revelando a etimologia da palavra “grupo”. Kaës (1976) coloca que o termo “grupo” é proveniente do italiano *gruppo*, que era utilizado no século XVII para designar a representação de um grupo de objetos em uma pintura. Foi empregada pela primeira vez na França, no século XVIII, para significar uma reunião de pessoas. Os lingüistas relacionam a origem deste termo como vinda do germânico *kruppa*, cuja etimologia é “massa arredondada”, contendo assim, a idéia de círculo na semântica desta palavra. Encontramos o termo *kinonia* na língua grega, que significa “grupo”, ou ainda, “comum”.

Segundo Térzis (2005a), a etimologia da palavra grupo nos leva a duas forças antagônicas encontradas na vida dos grupos: o laço ou ligação, que demonstra por um lado a coesão do grupo e, por outro, as forças opostas que representam a ameaça de separação.

O grupo é objeto de estudo de diversas ciências, mais conhecidamente da antropologia e da sociologia, mas também da psicologia social. No entanto, o grupo também foi e é um objeto de estudos da psicanálise e será nesta abordagem, mais precisamente a psicanálise dos grupos, em que centraremos nossa discussão, fazendo um breve levantamento histórico de seu desenvolvimento, bem como dos principais conteúdos desenvolvidos por esta ciência.

A psicanálise clássica, em sua aplicação terapêutica, desenvolveu-se através da díade analista-paciente e assim permaneceu nas primeiras décadas

do século XX. No entanto, Freud não deixou de considerar a importância do homem enquanto ser social, estudando as origens da sociedade humana, dos ritos, religiões e mitologias. As teorias elaboradas a partir desta díade – teoria da libido, teoria estrutural, teoria edípica, teoria do superego – reportam-se ao sujeito relacionado com objetos a uma psicologia multipessoal (Térzis, 2006).

Em “Psicologia do grupo e análise do ego”, Freud (1921) afirma que a psicologia individual e a do grupo não podem ser absolutamente diferenciadas, pois a psicologia do sujeito permanece em função das relações do sujeito com outras pessoas.

Os trabalhos de Melanie Klein (1952) ajudaram o desenvolvimento da psicanálise ao demonstrar que o mundo interno do sujeito se constitui como um “grupo” de objetos. Estes conceitos somados aos de Bion (1961) acerca da dinâmica dos grupos passaram a sustentar o trabalho analítico com grupos de pacientes.

As idéias mais importantes em relação à abordagem psicanalítica do grupo foram elaboradas em um período de aproximadamente 50 anos, desde a publicação de Totem e Tabu de Freud (1913) e Experiências com Grupos de Bion (1961). Havia diferenças entre Freud e Bion quando se referiam aos grupos. Freud estudou grandes grupos de multidões, como a Igreja e o Exército e suas influências na psicologia individual e coletiva; indagou sobre a motivação que unia um grupo desenvolvendo a teoria das relações da libido e das identificações no grupo. Bion, por sua vez, estudou pequenos grupos através da experimentação de modelos práticos de terapia, dirigindo sua atenção para os níveis mais primitivos do funcionamento mental.

Bion (1961) em “Experiências com Grupos”, demonstra um interesse simultâneo entre a subjetividade e a realidade externa, desenvolvendo uma teoria sobre o funcionamento dos grupos onde considera que este existe conforme duas modalidades que ocorrem simultaneamente: o grupo de tarefa ou trabalho (nível consciente) e o grupo de supostos básicos (nível inconsciente). Todo grupo reúne-se para fazer algo. Este “algo” é entendido como a tarefa que, por sua vez, está ligada à realidade. O grupo de trabalho atua para modificar racionalmente a realidade de maneira organizada e estruturada, a fim de obter uma eficácia na tarefa proposta. Neste estágio, o grupo opera segundo as leis do processo secundário: é tolerante a frustrações e permite a evolução de idéias novas; tem a capacidade de reconhecer as potencialidades e limites dos outros a serviço do princípio da realidade. Levamos à compreensão de que é necessária uma aprendizagem para a realização dos objetivos do grupo, além do desenvolvimento de capacidades, como a atenção, a capacidade de representação e de pensamento simbólico.

Assim como na psicologia individual, onde encontramos mentalidades regredidas ou evoluídas, Bion (1961) entende que o grupo também atua dentro destas duas instâncias. Uma evidência disso é a oposição do grupo à realização de uma tarefa, movida por ansiedades e defesas precoces, sentimentos de perda de individualidade na unidade grupal ou quaisquer outros envoltimentos emocionais. Esta mentalidade é denominada por Bion (1961) de mentalidade primitiva, ou protomentalidade. O desenvolvimento de um trabalho é perturbado ou interrompido por surgimento de pensamentos e emoções enraizados em fantasias, as quais definem o conceito de supostos básicos,

onde a realização de uma tarefa é impedida por um clima emocional subjacente, o qual evita a frustração inerente à aprendizagem por experiência.

O suposto básico está a serviço do “princípio do prazer” e é um produto de fantasias subjetivas grupais de tipo onipotente e mágico.

O grupo em situação de suposto básico regride em termos de desenvolvimento psicosexual em uma fase muito primitiva, não reconhecendo os processos de desenvolvimento, a realidade externa, o fator tempo. As atividades que reclamam algum conhecimento tendem a gerar sentimentos de perseguição. O grupo não se interessa quanto à eficácia da tarefa.

Bion (1961) aponta três estágios de supostos básicos:

Suposto básico de “dependência”, onde predomina a idéia grupal da dependência de um líder, o qual seria onisciente, capaz de resolver todos os problemas para o grupo, um guia intelectual e espiritual; remete às fantasias mais primitivas de “fusão”, onde na primeira infância os pais são responsáveis pela manutenção da vida. Uma fantasia defensiva onde o grupo não necessita passar pelo processo de aprendizagem da tarefa, esperando uma solução milagrosa de seu líder.

Suposto básico de “luta e fuga”, onde a recusa do pressuposto de dependência a um líder constitui um perigo para o grupo, que se organiza somente para cuidar da própria conservação, onde é necessário unirem-se somente para atacar um inimigo ou evitá-lo; correspondente às fantasias de castração.

Por último, o suposto básico de “acasalamento” ou “pareamento”; a atitude de luta e fuga leva o grupo a um desmembramento em forma de subgrupos ou casais, uma clivagem entre os componentes que representa uma

ameaça à unidade do grupo. Bion (1961) descreve uma fantasia de uma esperança messiânica, que difere do suposto de “dependência” por situar o “salvador” em um tempo futuro.

Esses três supostos básicos acontecem somente em momentos distintos.

Nas descrições dadas por Bion (1961), o grupo de tarefa (nível consciente) e os supostos básicos (nível inconsciente) estão presentes contemporaneamente e contrapostos. Se o sujeito participa enfaticamente no grupo de trabalho, acaba por se sentir privado do calor e da força das emoções. Se fica preso aos supostos básicos, encontra-se num estágio psicótico onde não pode realizar-se com objetivos maiores. Estes conflitos entre o grupo de trabalho e os supostos básicos são o cerne de seu trabalho com grupos. Bion (1961) acredita que não pode haver crescimento sem a coexistência destas duas instâncias, evoluída e primitiva. Somente quando há uma ressonância e um equilíbrio entre essas duas é que ocorre o verdadeiro crescimento do grupo e da personalidade do sujeito.

Melanie Klein e Bion são alguns dos maiores expoentes da escola inglesa de psicanálise. Faremos considerações também acerca da escola francesa, representada aqui por Pontalis (1963), Anzieu (1993) e Kaës (1976).

Pontalis (1963) foi o pioneiro em estabelecer a visão do grupo enquanto um organismo vivo, possuidor de emoções que governam sua existência. Entende este organismo-grupo não como um objeto real, mas como uma representação mental do grupo na mente de seus membros. O grupo é um objeto de catexias psíquicas e sociais suscetíveis à organização da estrutura do processo grupal. A construção do grupo como objeto se efetua através de

dois sistemas de representação: a) organizadores psíquicos, relacionados com a pulsão, correspondem a uma formação inconsciente b) organizadores sócio-culturais, relacionados aos códigos e normas de uma determinada cultura.

Anzieu (1993) aprofunda as idéias do grupo como objeto de representação, das quais elegemos dois temas para ilustração de sua teoria: O imaginário do grupo e a analogia entre o grupo e o sonho.

O imaginário do grupo é um conceito inaugurado por Anzieu, na França, no início da década de sessenta, que possibilitou uma abertura a uma nova orientação de pensamento ilimitada em seu potencial de desenvolvimento. Parte da idéia de que “o grupo é uma colocação em comum das imagens interiores e das angústias dos participantes” (Anzieu, 1993 p. 21). O foco central do estudo dos grupos está no entendimento das emoções que os motivam e que fomentam sua imaginação. É notório que em todos os grupos haja conflitos de diversos tipos, como rivalidades, simpatias, ódios, acusações, que até então eram vistos como verdadeiros em seus conteúdos, sendo desconsiderado que os problemas que o grupo elegia só poderiam ser imagens criadas por eles mesmos: “entre o grupo e a realidade, entre o grupo e si mesmo, há outra coisa que não as relações entre forças reais; há primitivamente uma relação imaginária” (Anzieu, 1993, p. 42).

Discorreremos agora sobre a analogia entre o grupo e o sonho.

Compreende-se este fenômeno como existente em todos os grupos, tanto os naturais ou reais como os psicoterápicos ou de formação.

Partindo da idéia de Freud, que concebe o sonho noturno como a realização de um desejo, uma ilusão individual que ocorre no momento de desinvestimento máximo da realidade exterior, Anzieu (1993) entende que o

grupo é igualmente o lugar de realizações imaginárias dos desejos. Um grupo isola-se do contexto cultural maior e da vida social ou profissional, suspendendo a realidade exterior de tal maneira que a libido se concentra toda na realidade presente aqui-agora. O grupo é o lugar privilegiado da realização dos desejos e igualmente do superego.

Outra característica comum entre o grupo e o sonho é a regressão do aparelho psíquico em três instâncias: a) Cronológica ou temporal, onde, em situação grupal, é reavivada a ferida narcísica, criando uma angústia da perda da identidade, que se mostra através de reações que vão desde a omissão da pessoa em relação ao grupo até a afirmação obstinada e reivindicante do seu ego. b) Tópica ou espacial, onde as pulsões não podem ser suficientemente administradas pelo Ego e Superego e a estrutura psíquica é dominada pelo Id e, mal diferenciando-se dele, pelo Ego ideal, conceito onde a criança cria uma imagem de onipotência de sua mãe, a qual tudo pode suprir adivinhando suas vontades, que por sua vez, são transferidas à imagem do terapeuta como um messias que irá ajudar o grupo de uma forma mágica. c) Formal, observada por expressões arcaicas próprias do processo primário, como chistes, sinais infralingüísticos, gestos, olhares, posturas, etc.

Há ainda mais, uma regressão na situação grupal análoga ao sonho no domínio do espaço-tempo. O espaço imaginário do grupo é entendido como a projeção de um corpo materno e o tempo não é mais cronológico, mas criado a partir de fantasias do retorno às origens ou a um recomeço, fazendo com que os grupos sejam utopias e ucronias, um lugar fora do tempo (transferência).

A partir da metapsicologia de Freud e Lacan e dos conceitos elaborados por Anzieu (1993) e Renê Kaës (1976), cria-se a teoria do aparelho psíquico

grupais. Assim, Anzieu (1993) confirma o grupo como um objeto de investimento pulsional; um espaço que possibilita a manifestação de desejos; um continente no interior do qual se ativam fantasias e identificações; um objeto de representações organizadas por formações psíquicas que possuem propriedades grupais.

Aponta ainda, que estão presentes no grupo dois níveis de realidade: o primeiro, em um nível consciente, que é objeto de estudo da psicologia social, e o segundo inconsciente, objeto de estudo da psicanálise, que se forma através das pulsões representadas pelos desejos infantis próximos ao sonho, o que caracteriza o grupo como um objeto, como uma forma mais ou menos autônoma de existir.

Dependendo do ponto de vista da formação e dos processos psíquicos envolvidos na construção e no funcionamento do grupo, é importante considerar essas características e representações do objeto-grupo como um dos elementos fundamentais do processo e da organização grupal.

Kaës (1976) criou duas hipóteses complementares para a compreensão dos processos grupais: a primeira, onde o grupo é analisado em termos da tarefa, e a segunda, onde considera que as representações do grupo funcionam como organizadores das relações intersubjetivas, grupais e intergrupais. Conclui que o grupo é uma tópica projetada, isto é, os grupos se organizam e se estruturam de acordo com a soma de objetos internos trazidos por cada integrante.

Trataremos agora, especificamente, sobre teoria do aparelho psíquico grupal, o qual é resultado de uma atividade projetiva e introjetiva de um objeto-grupo. O aparelho psíquico subjetivo, na reprodução de seus elementos

constitutivos (imagem do corpo, fantasias originárias, redes de identificação),  
constrói a realidade de um grupo concreto.

A principal característica do aparelho psíquico grupal é assegurar a mediação e a troca entre a realidade psíquica em seus componentes intrapsíquicos e intersubjetivos e a realidade grupal, em seus aspectos grupais e culturais. A partir disso, permite pensar na construção do aparelho psíquico grupal como internalização de um modelo proporcionado pelos organizadores grupais do psiquismo e como uma construção transicional na medida que assegura uma relação entre o universo intrapsíquico e o universo social. (Térzis, 2005b)

A representação do grupo como objeto ocorre através: a) dos organizadores psíquicos, onde ocorre uma formação inconsciente análoga ao sonho, primária, podendo ser comum a vários sujeitos possuidores de propriedades figurativas e projetivas. b) dos organizadores sócio-culturais, comuns entre os membros de uma mesma cultura que possibilitam a elaboração simbólica do nível inconsciente.

Após este breve histórico do pensamento da psicanálise sobre os grupos, elegemos algumas considerações acerca da psicanálise de grupo.

A importância do estudo dos grupos se dá não somente no conhecimento relativo aos próprios, mas também serve de auxílio na compreensão do sujeito. Dentre os principais objetivos da psicanálise de grupo estão: tornar consciente o inconsciente; rememorar a história de vida dos sujeitos do grupo, dar aos sujeitos ferramentas para resolverem seus conflitos internos através do auto-conhecimento e da fortificação do ego, trabalhando a capacidade de realizar auto-análise; diminuir o medo do conhecimento das realidades externas e internas; propiciar a evolução de um estágio de amor

narcísico (objeto primário) para um estágio de amor social (relativo à fase genital).

A psicanálise de grupo também pode ajudar aliviando as ansiedades de seus integrantes através do método catártico; elaborando os conflitos intrapsíquicos e assim gerando o crescimento e o desenvolvimento da personalidade; na diminuição dos sentimentos negativos dos sujeitos, através da observação das dificuldades comuns aos outros, gerando o conhecimento de si e também do outro, melhorando aspectos da socialização e tendo o grupo como apoio; facilitando o objeto transferencial, ao diluir a dependência do terapeuta.

## **1.2 Considerações sobre a música**

Platão, filósofo grego que viveu entre 427-347 a.C. nos diz: “A música não foi concedida aos homens pelos deuses imortais com um único fim de lhes deleitar agradavelmente os sentidos, mas sim, sobretudo, para aclamar as perturbações das suas almas e os movimentos tumultuosos que, necessariamente, experimenta um corpo, como o nosso, cheio de imperfeições”. Aristóteles (filósofo grego, 384-332 a.C.): “A música tem tanta relação com a formação do caráter, que é necessário ensiná-la às crianças”.

Marmontel (historiador e crítico francês 1723-1799): “A música é, incontestavelmente, de todas as artes, aquela que reflete de maneira mais sensível, o grau de desenvolvimento de um povo”.

Beethoven (1770-1827): “A música é a manifestação mais convincente do que toda sabedoria e filosofia”.

Schopenhauer (filósofo alemão, 1788-1860): “Ouvir longas e belas melodias é como um banho no espírito: purifica de toda a nódoa, de tudo o que é ruim e mesquinho, elevando o homem e sugerindo-lhe os pensamentos mais nobres que lhe seja dado ter”.

Darwin (biólogo naturalista, 1809-1882): “A perda do gosto pela música e poesia é uma perda da alegria, e pode possivelmente ser prejudicial ao intelecto, e mais provavelmente ao carácter moral por enfraquecer a parte emocional da natureza”.

Wagner (compositor e orquestrador alemão, 1813-1883): “A música é a linguagem universal”.

Heitor Villa-Lobos (compositor brasileiro, 1887-1959): “A música é tão útil como pão e água”.

Por ser a música uma criação intrinsecamente humana desde os tempos mais primitivos e por hoje e sempre estar presente em todas as culturas de todos os povos, é difícil estabelecer uma definição para esta arte que compreenda sua amplitude histórica e antropológica (Ehrenzweig, 1977). Comumente, a música é definida como a arte de combinar os sons de maneira agradável ao ouvido. Essa definição acaba por reduzir o significado de música, ao atribuir a qualidade “agradável ao ouvido”, o que pode ser em demasiado relativo. Definiremos música apenas como a arte de combinar os sons, podendo esta combinação causar impressões tão complexas e variadas que vão além de um parâmetro de agradabilidade.

Outro conceito difundido, é que a música é formada por ritmo, harmonia e melodia. Novamente, essa definição não é capaz de abranger a totalidade

das expressões musicais. O ritmo é algo inseparável da música, visto que é a própria combinação das dimensões temporais, a qual é a essência musical.

A música está entre as artes temporais, o que significa que só pode ser executada dentro de um espaço de tempo, onde, obrigatoriamente, haverá ritmo, mesmo que aleatório. Harmonia e melodia são conceitos que podem existir ou não em uma obra musical e, portanto, não são fundamentais para a definição de música, embora grande parte das músicas que apreciamos contenha essas duas esferas (Ehrenzweig, 1977).

A música foi e é utilizada de diversas formas na história da humanidade e no tempo presente: em rituais para a louvação do sagrado; nas igrejas como liturgia (como os salmos hebreus ou os mantras hindus); na ostentação dos deuses; no convite ao acasalamento; a partir da dança e para a dança; para acalantar crianças; para imitar os sons da natureza; para o trabalho, no acompanhamento de uma tarefa; para disciplinar o Exército; para dar ritmo aos remos das navegações; para expressar poesias nas canções (Bannet, 1968). A música teve fundamental importância na revolução sexual dos anos sessenta, assim como nas manifestações políticas desta época. No século XVI, época do Renascimento, as *chansons* francesas traziam músicas e poesias que, igualmente, auxiliavam nas mudanças de perspectivas e costumes sociais.

Encontramos na mitologia grega, mais precisamente no mito de Orfeu (considerado um iniciado que passava as mensagens sagradas através da música), descrições do poder desta arte na natureza. A música de Orfeu tinha o poder de silenciar os ruídos da selva e transformar o furioso bramido do mar em acalanto. Ao tocar, reuniam-se ao seu redor os pássaros, os animais e até

mesmo as feras se tornavam apaziguadas. As árvores inclinavam suas copas para a direção da música e os rochedos deixavam de ser estáticos e moviam-se afetados pelo som. Os homens mais coléricos sentiam-se penetrados de ternura e bondade (Schuré, 2003; Diel, 1991; Brandão, 1996; Térzis, 2003).

Dentre estas inúmeras utilizações da música, nos concentraremos em uma específica: a música como instrumento para a cura, conhecida como musicoterapia. Há descrições milenares do uso da música ou dos sons para curar enfermidades de diversos tipos. A musicoterapia se tornou mais popular na contemporaneidade durante a segunda guerra mundial, onde era utilizada no tratamento dos sobreviventes de guerra (Ruud, 1990).

A musicoterapia precisou de alicerces no campo da medicina e da psicologia para exercer sua prática com maior embasamento teórico. Existem diferentes maneiras de se ver a musicoterapia, diferentes correntes de pensamento, assim como na psicologia. Nos centraremos nas contribuições da psicanálise, segundo a visão dos musicoterapeutas e de psicanalistas que trabalham com música.

Segundo o musicoterapeuta Ruud (1990), o que já se escreveu acerca das funções da música, sob o ponto de vista psicanalítico, é de imenso valor para o campo da musicoterapia. Dentre os principais temas abordados, estão o desenvolvimento da linguagem musical, as origens intrapsíquicas da música, a música e as emoções, a estrutura da música, a personalidade do músico e as funções da música.

Quanto ao desenvolvimento da linguagem musical, muitos dos autores psicanalistas vêem a música como uma espécie de linguagem, com propriedades específicas e distintas à linguagem falada, ou como um padrão

de símbolos que expressa conteúdos inconscientes. Nesta linha, buscou-se encontrar um simbolismo universal entre o conteúdo musical e seu arranjo na vida intrapsíquica. Para o autor Montani (Farnsworth, 1969), por exemplo, os modos menores (que contem terças menores) expressam sentimentos de sofrimento, castigo e dor que caracterizam reações ao complexo de castração ou certos padrões rítmicos que simbolizam a relação sexual.

Outra perspectiva é tentar encontrar respostas para a questão musical através da origem dessa linguagem em uma evolução histórica, como Freud (1913) fez em Totem e Tabu, buscando o “homem in natura”. Há também os que vêem o desenvolvimento dessa linguagem atrelada ao desenvolvimento psicosexual humano, a partir da infância, ou antes que a libido narcísica tenha se desenvolvido em sexualidade objetal. Desta forma, a música estaria vinculada aos mais remotos períodos narcísicos da organização psicológica, quando o ego ainda não possui recursos para delinear os limites entre o eu e a realidade (Ruud, 1990).

Nas teorias sobre a origem intrapsíquica da música, a psicanálise considera a obra de arte como uma sublimação dos impulsos e desejos inconscientes. À luz da teoria da libido, a música também é uma energia sexual primitiva em transformação que gera uma gratificação libidinal, tanto na atividade musical ativa ou na audição passiva.

O campo que relaciona música e emoção é controvertido, dividido em termos de absolutismo e referencialismo (Meyer, 1956). O primeiro, busca ver a obra como em si mesma, e o segundo, como sua expressão subjetiva. Nesta segunda concepção, a música é visualizada como algo análogo ao sonho,

fantasia e chiste, podendo ser analisada pelas mesmas técnicas de interpretações dos sonhos ou chiste (Térzis, 2005c).

Noy (1967) confirma que a criação musical é paralela ao mecanismo do sonho, construída a partir de pulsões inconscientes e elaborada esteticamente pelo pré-consciente.

A maior parte das teorias psicanalíticas relativas à música nos diz sobre a personalidade do músico. São, em geral, patografias que analisam a personalidade de grandes compositores. Estão mais ligadas à vida emocional do músico do que ao significado da música.

No campo das funções da música podem ser concebidas duas visões distintas: a) Teorias que consideram a música como um estímulo externo que age em um aparato físico passivo. A maior parte delas considera que a música leva o ouvinte a uma regressão temporária das fases psicosexuais. b) Teorias que consideram a atividade musical como algo ativo servindo, ou como meio de defesa contra uma determinada ameaça ou perigo, ou como um auxiliar para se atingir uma situação de domínio da sua causa. A música é concebida como algo além de um estímulo externo. Ela se torna ativa enfrentando a parte do ego na construção de certos objetivos. Há divergências quanto aos objetivos a serem atingidos pela música.

Acreditamos que as músicas podem causar efeitos regressivos ou auxiliar o fortalecimento do ego. Os efeitos da música são tão vastos quanto todas as músicas que possam existir e quantas pessoas possam interpretá-las.

Entendemos a música como uma arte profundamente ligada às emoções, à sensibilidade, mas também integra-se aos pensamentos e a uma

elaboração. Vemos na música um valioso instrumento para o aprendizado e educação de nossas emoções e do intelecto.

Reconhecer a música como uma função do Ego na psicanálise, significa dizer que ela não está apenas atrelada à energia básica primitiva, mas a uma atividade iniciada conscientemente pelo Ego, com funções de gratificação de necessidades específicas, defesa contra forças diversas ou ainda em suas funções sintetizadoras e integrativas.

Nesta visão, utilizam-se os conceitos das tópicas de Freud (1974) para delimitar as funções da música erudita, como música do Id, que revolve o inconsciente trazendo-o à tona; música do Ego, que reforça o senso de realidade e fortalece suas defesas; e a música do Superego, que inspira a alma na direção das idéias elevadas e fortalece comandos e proibições morais.

Ruud (1990) conclui que a psicanálise pode embasar a musicoterapia em sua prática, propiciando ao paciente o aumento da percepção interna, a resolução de conflitos danosos, a auto-aceitação aumentada, técnicas mais eficientes para enfrentar problemas e o fortalecimento geral da estrutura do Ego no sentido de adequação e segurança.

Esses objetivos podem ser alcançados através das técnicas psicanalíticas tradicionais, como a verbalização e a associação livre. Wright e Priestley, criadores da *Analytical Music Therapy* argumentam que a música pode auxiliar no mergulho ao inconsciente e trazer à tona conteúdos latentes, necessários para o aumento da percepção interna (Ruud, 1990). Há também um objetivo construtivo de integração dos elementos da psique conscientizados, acreditando-se que a música possui a capacidade de ultrapassar a censura verbal consciente. Desenvolveram uma técnica de

improvisação onde os pacientes tocam diversos instrumentos de percussão, sem conhecimento prévio, enquanto o terapeuta utiliza o piano para estimular, controlar e encorajar os pacientes à criação, onde a música é considerada um veículo catártico para auto-expressão emocional.

Nosso trabalho não está no campo da musicoterapia, mas no campo da psicologia profunda dos grupos. Entendemos que estas considerações acima, vêm ampliar nossas concepções no que tange um trabalho psicológico que utiliza a música. Em nosso trabalho a música não é um fim em si mesma, de forma que não estamos focados no resultado musical final, mas antes no processo de se fazer música, e na maneira que ela possa possibilitar expressões emocionais, o que não significa que a produção musical grupal não tenha nenhum valor, pois esta é um reflexo da forma como o grupo desenvolveu a tarefa musical (Verdeau-Pailles & Guiraud-Caldadou 1979).

Buscaremos desenvolver o conceito de “musicalidade” a fim de embasar nossa escolha da utilização da música como recurso facilitador de expressões emocionais em um grupo de crianças. Este conceito “musicalidade” pode ser entendido sob diversos prismas. Quando dizemos “a musicalidade da poesia”, estamos nos referindo a uma característica de determinada poesia em ser musical, por arranjos métricos e fonéticos, no campo da estética poética. Musicalidade também pode referir-se às emoções que temos ao ouvir determinadas músicas, o que separa o conceito de música enquanto algo objetivo do conceito de musicalidade, entendido como as impressões que essa música causa em determinado ouvinte.

O conceito de musicalidade ao qual nos referimos não tem relação com o primeiro conceito abordado, uma estética poética, mas possui alguma

congruência com o segundo, no que diz respeito aos sentimentos que a música provoca nos ouvintes. Entendemos por musicalidade toda a elaboração musical que uma pessoa é capaz de realizar, desde a escuta de uma música até sua intelectualização e produção. Parte da idéia de que todos nós temos aptidões musicais, mais ou menos elaboradas, as quais podem sempre ser ampliadas e desenvolvidas. A musicalidade básica manifesta-se principalmente através dos ritmos da mente-corpo e de sua inserção harmônica ou não com o tempo interno e o tempo social. Acreditamos que angústias como a ansiedade e a apatia podem também serem entendidas como uma disfunção do tempo interno.

Entendemos que o ritmo seja algo inerente à natureza. Observamos ritmo no movimento dos astros celestes, no crescimento dos seres vivos, em nossas funções biológicas essenciais, como os batimentos cardíacos e a respiração. Até nas artes visuais observamos a existência do ritmo, como na arquitetura e nas artes plásticas. O ritmo está então, intimamente ligado ao tempo, sendo esse qualquer evento que ocorra em uma determinada frequência, constante ou inconstante.

Acreditamos que a musicalidade essencial ou básica seja um aspecto intrinsecamente humano. No entanto, esta musicalidade sofre transformações juntamente ao desenvolvimento humano, não podendo ser compreendida como algo universal se considerarmos que suas características principais serão construídas socialmente, assim como todas as artes estabelecem diálogos ativos com as diversas culturas.

Entendemos que o ritmo da fala, do andar, dos gestos e dos movimentos corporais denota estados mentais e emocionais diversos, como a calma ou a

ansiedade, como o barulho da euforia ou o silêncio da tranquilidade, a harmonia de um diálogo sintonizado e empático onde os pares se ouvem e falam ou ainda a confusão de uma discussão onde fala e escuta se misturam.

Portanto, acreditamos que a música pode ser um valioso instrumento na realização de nosso trabalho de *psicodiagnóstico* e que, servindo como uma forma de expressão emocional lúdica, motive as crianças à participação dos encontros e, que o desenvolvimento da musicalidade deles possa ajudá-los a ampliar a consciência de suas emoções, a proporcionar maior conhecimento de seus sentimentos, bem como de seus ritmos internos e dos ritmos externos que estão no mundo, assim como na percepção de seu mundo interno e externo.

## 2. OBJETIVOS

O presente estudo tem por objetivos:

- Investigar se a técnica de *grupo de psicodiagnóstico* (Kaës & Anzieu, 1989), na sua aplicação em um grupo de crianças desenvolvendo atividades musicais, poderá sensibilizá-lo aos fenômenos de grupo e conduzi-lo, por um lado, a fazer seu diagnóstico (daí a expressão *grupo de diagnóstico*) e, por outro, a descobrir meios apropriados para resolver problemas que se implantarem durante o processo grupal de atividades musicais (neste sentido o *grupo de diagnóstico*).
- Fazer o grupo de crianças funcionar de maneira mais satisfatória para todos durante o processo de atividade musical.
- Conseguir que o grupo proceda a sua própria evolução e funcionamento, para que cada participante possa extrair do *grupo de diagnóstico* experiências e ensinamentos.
- Analisar e compreender alguns fenômenos psíquicos e os processos revelados na formação do grupo, ou seja, como o grupo se constrói e funciona durante a tarefa de atividade musical.

### **3. MÉTODO**

O trabalho do grupo de atividades musicais inicia-se com a definição de um método, o qual funciona conforme um enquadre de normas e regras que estabelece um método de trabalho, mais especificamente, como um trabalho de grupo de atividades musicais, onde é utilizado o método psicanalítico. Este tem por essência ser um modelo não-diretivo, utilizando regras e técnicas particulares dessa abordagem.

As regras utilizadas são: associação e atividade livre, frequência, horário, técnicas como escuta, atenção, empatia, transferência, trabalho no aqui-agora e apontamentos.

Existem duas características principais que diferenciam o enquadre do grupo em respeito ao *setting* individual: a primeira, é a espacialidade e a outra, a presença real dos outros. A espacialidade privilegia a sincronia sobre o acontecer grupal através dos olhares, das pessoas sentadas em círculo face a face, intercambiando palavras, gestos, movimentos. A segunda característica, a presença real dos outros, mostra que esses já não são virtuais personagens de um relato, mas presentes em sua corporalidade.

#### **3.1 Sujeitos: um grupo de crianças**

Os participantes da pesquisa foram dez crianças com idades entre 10 e 11 anos, que formaram o *grupo de diagnóstico* (Kaës & Anzieu, 1989) que teve como características ser misto (formado por três meninas e sete meninos), ser homogêneo (por os participantes terem a mesma faixa etária, mesma faixa

social, residirem no mesmo bairro, estudarem na mesma escola e freqüentarem o mesmo Centro Comunitário), ser fechado (tendo um tempo de duração pré-determinado, sendo 12 sessões de 60 minutos e por não admitir a entrada de novos membros) e, por último, das crianças serem caracterizadas, institucionalmente, pela mesma queixa manifesta de indisciplina, de desempenho insuficiente na escola e de desrespeitarem os professores.

### **3.2 Local da Pesquisa e Projeto Recriação**

A coleta de dados da pesquisa foi realizada em um Centro Comunitário de um bairro periférico da cidade de Valinhos-SP, onde funciona o projeto *Recriação*. Este projeto tem como entidades executoras a Prefeitura do Município de Valinhos, a Secretaria de Assistência Social e Habitação e a Seção de Atenção à Criança e ao Adolescente. Tem por finalidade atender crianças de faixa etária entre 6 e 12 anos, residentes em bairros periféricos da cidade, no período oposto ao escolar, desenvolvendo um trabalho preventivo através da educação informal.

### **3.3 Material**

- **Entrevista Individual**

Antes de serem iniciadas as reuniões grupais, foi utilizada a técnica de entrevista semi-dirigida de Bleger (1993), onde adquirimos os primeiros conhecimentos acerca dos participantes como nomes, idades, escola onde estudam, o motivo pelo qual freqüentam o projeto *Recriação* e o que esperam da participação do grupo de atividades musicais. Além disso, este primeiro contato com os participantes permitiu que cada um deles fosse informado dos

objetivos da pesquisa e obtivesse esclarecimento quanto às possíveis dúvidas de sua participação.

- **Técnica: Grupo de diagnóstico**

O grupo constitui uma unidade de interação, podendo assim, ser compreendido como uma atividade de tarefa. Segundo Anzieu e Kaës (1976), o grupo permite também a investigação científica sobre o campo do comportamento humano e grupal. Bion entende: "Ainda que seja de forma casual, todo grupo se reúne pra fazer algo: cada membro coopera em alguma atividade de acordo com suas capacidades" (Bion, 1961, p.117).

O *grupo de diagnóstico* se caracterizou por ser dinâmico, reflexivo e não-diretivo. A característica dinâmica significa que a atividade grupal não esteve rigidamente organizada, permitindo o livre fluir da interação e da comunicação. A característica reflexiva relaciona-se com uma parte da atividade grupal, que foi a reflexão sobre o próprio processo simultâneo no desenvolvimento da tarefa proposta, a atividade musical. O aspecto não-diretivo refere-se à idéia de que toda ação e pensamento desenvolvidos no grupo originaram-se no próprio grupo.

Segundo Pichón-Rivière (1982), o grupo se constitui numa união de pessoas ligadas entre si por constantes de tempo e espaço, articulado por sua mútua representação interna, que se propõe de forma explícita ou implícita à realização de uma tarefa, que constitui sua finalidade.

Os conceitos formados pela escola inglesa, tanto de Bion (1961) quanto de Foulkes (1964), permitiram esclarecer a consistência da formação e dos processos psíquicos intrínsecos ao grupo. Todos estes conceitos tiveram como

fundamento, a hipótese de que o grupo é um sistema, uma organização e um processo dinâmico.

- **Instrumentos musicais**

Com objetivo de motivar o grupo à realização da tarefa musical utilizamos treze tipos de instrumentos musicais. Dentre os instrumentos percussivos estavam: uma darbuca (tambor árabe), um coquinho, um ganzá (redondo), um ovinho (chocalho), um caxixi, um tamborim, um pandeiro, uma castanhola de pau, um triângulo com sua baqueta, uma cuíca pequena e um tamborzinho chinês. Ainda como instrumento percussivo, mas com características melódicas, a calimba, e um instrumento de cordas, o violão. Damos preferência aos instrumentos percussivos por entender que requerem menor conhecimento musical para serem manejados por pessoas inexperientes no campo da música. Além destes, também utilizamos sucatas para a confecção de novos instrumentos que foram criados pelos participantes.

- **Gravador de som**

Foi utilizado um aparelho de *mp3* para a gravação do som dos encontros. Nessas gravações, ficaram registradas a produção musical do grupo, os ritmos, as entonações e a linguagem falada, que permitiram a realização de transcrições que nos deram maior fidedignidade em nossas investigações.

### **3.4 Procedimento**

- **A formação do grupo da pesquisa**

Na primeira visita à instituição conheci as 23 crianças que freqüentam o projeto *Recriança*, e me apresentei como psicólogo e pesquisador. Perguntei-lhes se sabiam o que é "psicólogo" e, alguns relataram algumas experiências, inclusive mencionando as brincadeiras que faziam nas clínicas psicológicas. Também indaguei-lhes sobre "pesquisador" e alguns falaram sobre suas pesquisas na escola.

Expliquei a eles os objetivos do nosso trabalho de conhecê-los melhor. Expliquei também que, para isso, utilizaríamos instrumentos musicais diversos que poderiam ser experimentados e tocados à vontade e, por fim, convidei-os a participar de nossas reuniões, deixando claro que a participação era voluntária. Vinte e dois deles manifestaram interesse em participar, com exceção de um, que dizia que não levava jeito para música.

Disse a eles que seria necessária a formação de dois grupos separados. Um (G1), formado pelos dez mais velhos (desde que houvesse crianças de ambos os sexos, sendo no mínimo três do masculino ou feminino) e, outro (G2) formado pelos mais novos. Tomei nota dos nomes de todos e das respectivas idades. Os quatro mais velhos tinham 11 anos e havia dez crianças com 10 anos; dentre essas últimas, separamos as seis mais velhas pelo mês de nascimento a partir da data daquele dia. O resultado foi um grupo (G1) de três meninas e sete meninos, com idades entre 10 e 11 anos que estavam pré-selecionados para participarem do grupo da pesquisa e, outro (G2), com os demais participantes que também fariam as mesmas atividades, porém sem fazer parte da pesquisa

- **Entrevista individual e critérios de exclusão**

Foi enviado aos pais ou responsáveis pelos participantes do grupo o termo de livre consentimento esclarecido que consiste em uma declaração que autoriza a utilização do conteúdo obtido durante as atividades grupais para efeitos de pesquisa e de futura publicação. Neste documento, foram garantidos o sigilo e a possibilidade de expressão dos participantes sem a exposição da identificação por terceiros. Em função disso, nomes, datas e circunstâncias que poderiam identificar os participantes foram modificados respeitando o anonimato. Os documentos foram enviados em duas vias, uma que ficou com os responsáveis e outra que voltou assinada ao pesquisador.

No segundo dia de visita à instituição foram realizadas entrevistas individuais com os pré-selecionados, onde foi utilizada a técnica de entrevista semi-dirigida de Bleger (1993). A entrevista individual permitiu ampliar o conhecimento sobre os participantes a fim de realizar a seleção final daqueles que participariam do grupo. Foram colhidos dados como idade, procedência, escolaridade e interesse de participar na pesquisa e as queixas principais. Também foram realizados esclarecimentos necessários sobre as atividades do grupo e estabelecido o enquadre, combinando o local, o dia e a hora do primeiro encontro do grupo de atividades musicais, a frequência e a técnica fundamental: a atividade musical livre que corresponde à associação livre circulante.

A realização da entrevista precedendo à formação do grupo se fundamenta num estudo de Térzis (2005b), que afirma que a entrevista auxilia o coordenador a excluir casos que seriam contra-indicados para um trabalho grupal, tais como pessoas que não podem dar seqüência a um tipo de

comunicação verbal ou não conseguem acompanhar as mudanças na sucessão de pensamentos; pessoas com transtornos psicóticos, ou uma percepção insuficiente da realidade e, por fim, pessoas que apresentam distúrbios sociais ou condutas anti-sociais que poderiam desequilibrar o grupo. Todos os dez pré-selecionados foram considerados aptos a participar do grupo.

- **Enquadre grupal**

Selecionadas as dez crianças, de ambos os sexos, foram confirmados data e horário do primeiro encontro grupal assim como dos seguintes. O grupo de crianças não admitiria novos membros.

No primeiro encontro, foi solicitado aos participantes que se acomodassem em um círculo, escolhendo seus lugares à vontade. A seguir, o coordenador apresentou-se e comunicou os objetivos do grupo diagnóstico através das atividades musicais. Na seqüência, foram sugeridas as regras do enquadre no contexto grupal: em primeiro lugar, a atividade e fala livre, remetendo aos participantes a possibilidade da escolha e o uso livre dos instrumentos, expressão dos pensamentos, sentimentos e fantasias a respeito da tarefa proposta pelo pesquisador. Foram previstos doze encontros, de duração de 60 minutos cada, três vezes por semana (às segundas, quartas e sexta-feiras, das 15:15 às 16:15).

### **3.5 Análise dos resultados**

A análise das transcrições das reuniões grupais foi realizada a partir do método utilizado por Mathieu (1967), que compreende que a interpretação de tais conteúdos é feita de forma análoga à interpretação de uma narrativa

mítica. Assim como na interpretação dos sonhos, que se faz através das associações do sonhador relacionadas ao conteúdo de seu sonho, os conteúdos das reuniões grupais são vistos como narrativas míticas, porém das quais não dispomos de associações. Para tanto, considera-se o conteúdo mítico das narrativas sob o duplo registro de sua elaboração interna, por um lado, da manifestação dos desejos inconscientes e, por outro, enquanto a estrutura da narrativa manifesta. Considera-se que está contida na estrutura de uma narrativa ou no arranjo de seus elementos e seus temas, criações inconscientes que buscam a satisfação de seus desejos reprimidos. Desta forma, um sistema temático de um ciclo de mitos abre caminho para interpretação do mesmo modo que as associações abrem caminho para a interpretação do sonho. Para tanto, é necessário encontrarmos a espinha dorsal deste relato para a obtenção desse sistema temático, o que é feito através dos temas recorrentes ou da estrutura de base do relato. Esses temas resistentes são tidos como essenciais à economia de um tipo de narrativa e portanto, são suscetíveis à conferência de um sentido e um significado sendo vistos como um símbolo, onde está presente a condensação e o deslocamento, mecanismos próprios do inconsciente.

## 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos conteúdos, que foi realizada por dois psicólogos com conhecimento de psicanálise de grupo, à luz destas teorias, se deu através da técnica de interpretação de Mathieu (1967) (já apontada no método desta dissertação), utilizada em pesquisas de cunho qualitativo, que visa ultrapassar as simples descrições dos conteúdos, com a aplicação de inferências que possibilitam uma interpretação aprofundada desses.

As análises das sessões foram feitas de forma vertical, das primeiras reuniões às últimas, sendo escolhidas algumas delas para demonstração do desenvolvimento do processo grupal.

- **Legenda**

Identificação da fala dos participantes:

B	Beatriz
D	Danilo
G	Gustavo
I	Idalgo
J	José
M	Manoel
R	Ramira
T	Talita
V	Vicente
W	Willian

Coro: Quando dois ou mais participantes falam a mesma frase

?: Quando não foi possível identificar quem falou

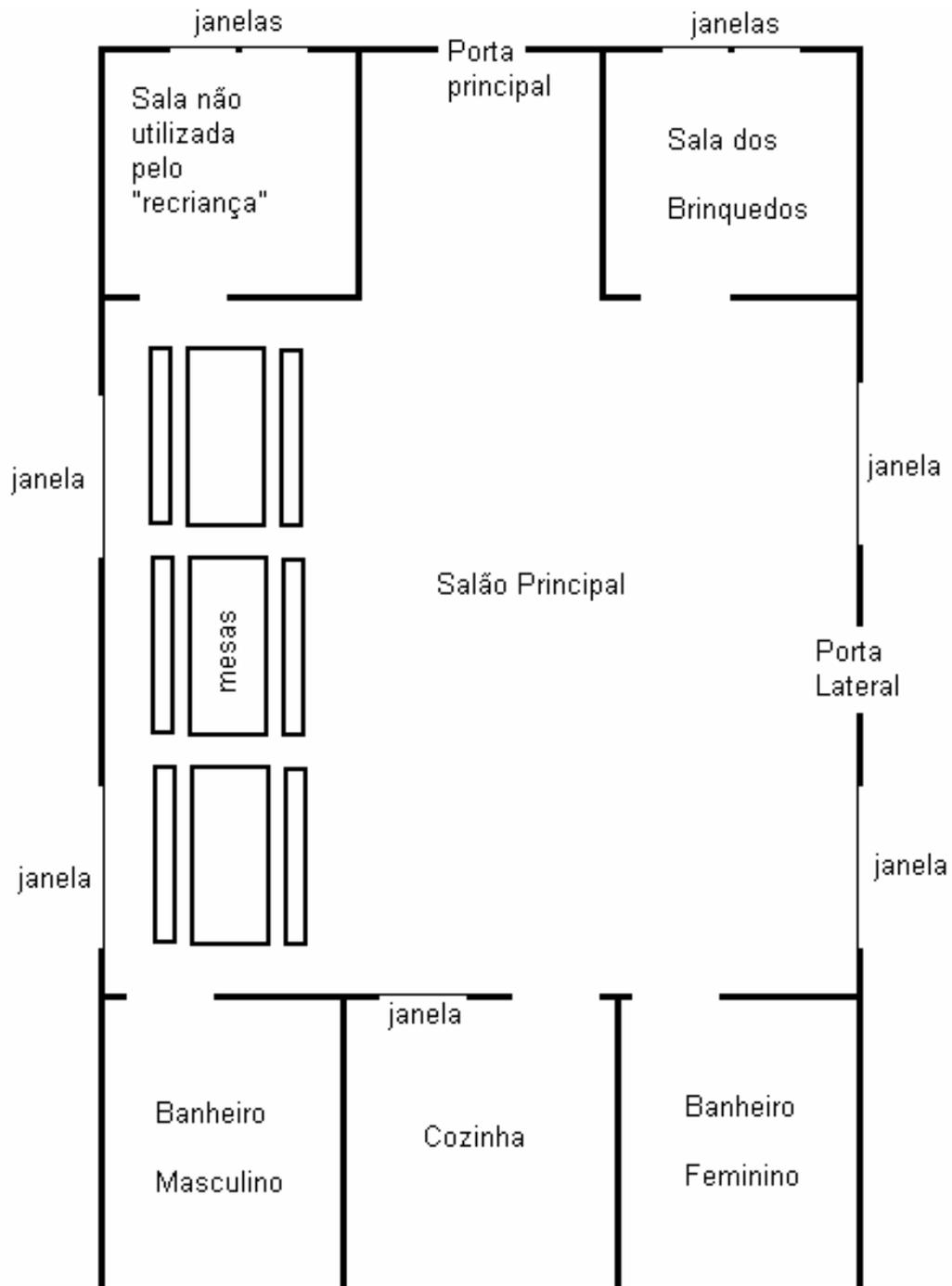
P: Psicólogo

(????): Quando não foi possível identificar a palavra ou frase dita.

Texto sublinhado: Análises dos psicólogos frente aos conteúdos

- **Planta do local**

Para melhor entendimento do leitor, fizemos uma planta aproximada do local onde aconteceram os encontros:



#### 4.1 1ª Reunião grupal

Estacionei o carro em frente ao Centro Comunitário. Nesta hora, as crianças já saíram do portão e foram ao meu encontro antes mesmo que eu abrisse a porta. Comemoravam minha presença e eu tive uma atitude acolhedora, cumprimentando uma a uma, e desta forma passei portão adentro.

Esta ação acolhedora por parte das crianças demonstra a solicitude delas ao receber o psicólogo para o primeiro dia das atividades grupais. Percebemos nesta ação, uma transferência positiva em relação ao psicólogo e que, igualmente, a atividade musical é imaginada como algo bom, e desta forma, reconhecemos que o grupo, mesmo antes de iniciada a sessão, já se estrutura em torno de um Ego Ideal (Anzieu,1993) onde é investida uma identificação narcísica com o grupo, fonte de prazer e de fecundidade.

Entrei no salão carregando uma mala preta e fechada, onde ficavam os instrumentos musicais, porém com seu conteúdo invisível aos olhos deles em primeira instância e, uma outra sacola preta onde guardava o violão. Cumprimentei a professora e tive uma breve conversa com ela. Conforme combinamos, ela levou os menores do grupo (G2) para a prática do vôlei e os dez mais velhos (G1) ficaram comigo dentro do salão.

Convidei-os para sentarmos no chão em roda, como é comum em quase todas suas atividades, mesmo porque não havia cadeiras individuais. Relembrei-os das regras do grupo: Que nós deveríamos sentar em roda e que eles poderiam escolher seus lugares à vontade; que eles poderiam falar o que quisessem, e da mesma forma, tocar o que quisessem. Pedi encarecidamente

que tivessem cuidado com os instrumentos pois todos teriam oportunidade de experimentá-los.

Estavam presentes no início deste primeiro encontro oito dos dez participantes: Beatriz, Gustavo, Idalgo, José, Manoel, Ramira, Talita e Willian, sendo que Vicente chegou atrasado e Danilo faltou.

Pedi-lhes também, autorização para a gravação do nosso encontro e o grupo autorizou com entusiasmo e, desta forma, iniciou-se a reunião, conforme a transcrição integral a seguir, somada às anotações que fiz:

R \_Ai, começou? (quando liguei o gravador)

W \_Põe aqui no meio!

Eu havia posto o gravador à minha frente, e eles pensavam lugares alternativos para este aparelhinho.

? \_Ali em cima!

I \_Aqui no chão, aqui ó. (no centro da roda)

W \_Aqui no meio, aqui, ó.

P \_Aqui?

W \_Aqui, ó.

Willian colocou o gravador no centro da roda.

T \_Cê trouxe o violão?

R \_Calma!

P \_Sim.

R \_Calma!

Estas sentenças anteriores demonstram uma ambigüidade dos sentimentos no grupo; ao mesmo tempo em que almejam conhecer os instrumentos e poder tocá-los, apreciá-los, estão receosos com tal novidade que, justamente, por ser algo novo, leva ao desconhecido, ao incerto, à dúvida e à incerteza do que vai acontecer.

Levantei-me e trouxe as duas sacolas para o centro da roda, enquanto isso, Idalgo brincava com o gravador:

I \_Ae mano Brown!

I \_Meu nome é Idalgo, tenho 11 anos.

I \_Eu vou tocar Violão!

I \_Meu nome é Idalgo, tenho 11 anos.

Nestas brincadeiras que Idalgo faz frente ao gravador é realizado um desejo de mostrar sua identidade, assim como os músicos famosos fazem e, igualmente, um desejo de conhecer um instrumento, o violão.

P \_Vou deixar eles aqui (os instrumentos no centro da roda), e vocês podem ver eles a vontade.

W \_É seu? É tudo seu?

W \_É tudo seu?

P \_É, mas agora vai ser tudo nosso.

Coro \_Ahhhh!

O psicólogo deixar os instrumentos no centro da roda é repercutida no grupo como uma atitude que lhes causa entusiasmo. A dúvida de se estes instrumentos poderão ser utilizados pelo grupo é logo sanada com a explicação de que aqueles instrumentos seriam deles também.

Deixei a mala aberta no centro da roda com a atenção voltada à reação do grupo. Alguns permaneceram parados, aguardando, e outros já iam colocando as mãos dentro da mala para retirarem os instrumentos. O primeiro instrumento a ser retirado foi a darbuca que, igualmente, era o maior e foi direto para as mãos de Gustavo que já o experimentava.

G \_Qual o nome desse?

P \_Esse chama Darbuca!

G \_Darbuca!

I \_Auu! (Idalgo saiu correndo pela sala, aparentemente comemorando).

? \_Ô Idalgo! (alguém do grupo chamou-lhe a atenção)

B \_Parece uma lanterna! (referindo-se a Darbuca)

M \_Parece um... uma bandeja!

R \_Eu quero esse! Que da horinha!

T \_Deixa eu ver!

W \_Tem instrumento de sobra aqui, ó!

R \_Vamos fazer uma banda!

Coro \_Eeee!

E começa uma batucada desenfreada. Eles riem muito, comemoram: O grupo demonstra muita alegria por poder experimentar os instrumentos. Esta

primeira aproximação desperta muito entusiasmo no grupo que verbaliza sua comemoração e experimenta esses instrumentos em um nível sensorial.

Vicente havia chegado atrasado e me pediu para entrar no grupo. Ainda no meio do tumulto sonoro, falei:

P \_O Vicente chegou atrasado e está pedindo pra entrar nesse grupo, tudo bem?

Coro \_Tudo!

P \_Entra Vicente.

? \_Sai Wesley! (Wesley, da turma dos menores (G2), invadiu o salão e o grupo protestou exigindo sua privacidade).

E o caos sonoro da experimentação dos instrumentos se estendia, quando Ramira falou:

R \_Pára! Deixa ele falar!

B \_Olha, deixa aqui esse instrumento aqui...

Ramira e Beatriz, ainda acostumadas a um modelo pedagógico, pediam ao grupo para que guardassem os instrumentos por acreditar que eu queria lhes dizer algo, transferindo para o psicólogo a figura do professor, ou à figura de um líder idealizado, o qual iria ensiná-los a fazer música. Anzieu (1993) entende que há uma representação fantasmática de que todo grupo não controlado por um corpo social representa um perigo.

T \_Esse parece um abacate. (falando da calimba)

P \_Vão deixar esses instrumentos aqui agora? (depois de experimentarem os instrumentos, de maneira mais ou menos organizada, foram deixando-os no centro da roda, aguardando que o psicólogo os ensinasse).

M \_Fala o nome deles pra nós?

P \_Quais que vocês conhecem?

T \_Esse aqui é o pandeiro que eu sei!

P \_Esse é o pandeiro.

M \_E esse daqui, ó?

P \_Esse daqui... não tem nome... são dois coquinhos.

M \_Como que toca?

P \_Acho que toca ele assim olha...

E por poucos segundos toco-o, mas Ramira tira-o de minhas mãos.

R \_Não, é assim, ó...

P \_Assim dá certo também

Não suportam a demonstração dos instrumentos e, aos poucos, vão pegando-os novamente e fazendo barulho.

Nisto se demonstra que o grupo age pelo princípio do prazer. Não suportam poucos minutos da apresentação dos instrumentos e querem partir para a ação de experimentá-los.

Inicia-se uma frase rítmica na darbuca, que repete-se na tamborim.

? \_A gente tem que aprender!

? \_Ah, tá gravando.

T \_Qual é esse aqui?

P \_Esse daqui é o ovinho.

? \_Ovinho!

I \_Esse daqui é o chocalho, né!

P \_É.

M \_E esse daqui, ó?

I \_Esse daí... o caxíxi.

P \_Caxixí. Muito bom!

I \_Esse toca com o berimbau.

J \_E esse daqui?

G \_Não sei não.

P \_A cuíca! Ta vendo esse paninho que está junto, você tem que deixar ele úmido pra tocar aqui, olha. (mostrando a vareta interna da cuíca)

J \_Vou lá molhar! (e foi até torneira molhá-lo)

T \_Alguém viu o violão?

? \_Vi o violão? (o violão estava dentro da capa ainda)

? \_Não pode olhar!

? \_Xiu, xiu, xiu, pára, pára! (havia alguns que buscavam manter a "ordem")

Frente à bagunça que algumas pessoas do grupo faziam tocando os instrumentos desordenadamente e fazendo muito barulho, outros reagiam

tentando buscar uma ordem, querendo mostrar-me que eram um bom grupo, que respeitavam o psicólogo, que não mexiam no violão. Segundo Anzieu (1993), o pequeno grupo funciona nas representações coletivas como um lugar de realizações imaginárias que ameaçam o Ego.

P \_Olha, a cuíca é assim... tá vendo que tem essa madeirinha aqui... (mostrei a madeirinha que havia dentro, e atritei o pano molhado nela extraindo o som para mostrar-lhes um pouco).

Enquanto isso já pegavam o violão:

? \_A-ham

(E toca a cuíca)

? \_Ah! Ah! Que legal!

? \_Da hora!

J \_Dá aqui! Rapidinho! Deixa eu fazer!

José pega a cuíca e extrai o som rapidamente.

Guga pega o violão e faz o acorde de Sol Maior

P \_Sabe tocar, é!

G \_Sei!

P \_Olha, que bacana!

Todos começam a tocar de qualquer maneira e gritam de alegria bem alto.

? \_Que música cê vai tocar, José?

V \_Ah, quebrou aqui! (o instrumento coquinho era um pouco torto)

P \_Não, é assim mesmo...

B \_Ó, quebrou! (falando dos coquinhos)

P \_Não quebrou não, é assim mesmo.

Demonstram algum receio de quebrarem os instrumentos que também pode ser visto como um medo de desagradar o psicólogo.

D \_Ô Gustavo, vamos fazer outra coisa, vai!

B \_Peraí, peraí, atenção! Silêncio!

(E os sons se intensificam, desordenadamente)

? \_Peraí, deixa o João (psicólogo) falar!

Os sons diminuem um pouco.

? \_Deixa eu ver o violão!

Após um grande tempo de muito barulho os sons começam a se apaziguar chegando a um estado mais próximo do silêncio.

P \_Dá licença, Gabriel, por favor! (As crianças mais novas do G2, inclusive o Gabriel, invadiam a sala, debruçavam-se nas janelas e eu me dirigi ao Gabriel que não era desse grupo e estava escondido debaixo da mesa assistindo-nos).

T \_Ah, deixa eu ver o violão! (Talita solicitava o instrumento que estava nas mãos de Gustavo).

J \_Cantar! Dançar! (cantando)

(inicia-se um ritmo constante na darbuca e mais instrumentos soando)

Os participantes do grupo demonstram que querem formar uma banda e combinar os sons dos instrumentos uns com os outros, porém o fazem de modo desorganizado, sem considerar que precisam de alguma ordem e sem combinarem algo para obterem êxito nesta atividade.

B \_Deixa o João falar!

Na verdade, eu não queria falar, só estava observando-os.

Há um grande tumulto sonoro e, em meio disto, há muitos dizendo: “deixa o João falar!”.

P \_Vocês querem que eu fale, é!

Coro \_Queremos!

Psi \_Eu passo a palavra pra vocês então!

Coro \_Ahhh! (comemoração)

Depois desta colocação, ouvem-se gritos de alegria na gravação. Inicia-se um grande tempo deles tocando ainda que desordenadamente. Passados alguns minutos, a roda vai sendo desfeita e o grupo começa a se dividir em pequenos subgrupos que desfazem a formação da roda original. Alguns ficam de pé utilizando todo espaço do salão.

Em aproximadamente 15 minutos da reunião, as três meninas estavam sentadas no banco do refeitório ao redor do violão que estava nas mãos de

Talita, que também sabia fazer alguns acordes. Vicente e Manoel permaneceram na roda original brincando com os diversos instrumentos que ali ficaram e Willian, José, Gustavo e Idalgo levaram alguns instrumentos para o fundo do salão formando uma roda onde tocavam as percussões e dançavam. Neste subgrupo, Gustavo tocava a darbuca com bastante força, José a pequena cuíca, Idalgo o tamborim e Willian o pandeiro. Pareciam buscar uma unidade rítmica, mas o som ainda soava de forma desintegrada, mesmo assim, ainda me parecia conseguir traduzir uma alegria eufórica.

A fala do psicólogo “passo a palavra pra vocês” repercutiu no grupo em forma de uma alegria que foi demonstrada pelo mesmo. É provável que esta situação de estarem sob o teto de uma instituição, sob a responsabilidade de um adulto e poderem fazer o que quiserem seja inédita para eles. A situação de liberdade que já havia sido anunciada em outras ocasiões, quando expliquei-lhes que não daria aulas de música, mas que eles poderiam se expressar como quisessem, é oposta à situação de um modelo diretivo e pedagógico, onde as crianças são frequentemente castradas para ser possível aprender o que aprendem nas escolas.

Todo aquele movimento que acontecia na sala chamou a atenção dos menores (G2), que se debruçavam na janela para assistir o que os mais velhos (G1) estavam fazendo. Muitos dos mais velhos saiam do salão e iam contar para a professora sobre tal invasão. Depois de algum tempo em que algumas regras grupais estavam sendo transgredidas, resolvi convidá-los para sentar em roda novamente. Levantei-me do meu lugar e disse:

P \_Pessoal, por favor, vamos voltar pra nossa roda!

E voltaram para a roda imediatamente, deixando os instrumentos no centro da roda.

W \_Vamos deixar tudo organizado aqui...

G \_Porque... o João (psicólogo) quer falar um pouquinho...

R \_E a gente quer escutar um pouquinho!

Apenas José ainda perambulava pela sala tocando sua cuíca, e eu aguardava o silêncio para falar.

P \_Gostaria de lembrar a todos que nós temos uma tarefa aqui de fazer música em grupo!

W \_Eu quero o violão!

R \_Calma.

W \_Eu sou o violão!

Coro \_Eu quero esse / eu quero esse!

E o grupo de crianças disputava os instrumentos que estavam fora de suas mãos e no meio da roda prontos para serem pegos por qualquer um. Portar um instrumento naquele espaço tem um significado de pertencimento ao grupo e de realização dos desejos de brincar, de obter prazer e, justamente, por esse princípio é que não conseguiam achar uma forma de se organizarem.

P \_Parece que está acontecendo um conflito pra pegar os instrumentos, não é? Como a gente vai fazer pra escolher os instrumentos?

? \_Eu quero o violão!

Coro \_Eu quero esse / eu quero aquele!

Alguns continuavam a requisitar seu instrumento preferido e outros buscavam propostas mais democráticas de dividí-los.

P \_Vamos tentar uma maneira de fazer que seja justa!

R \_Troca!

M \_Reveza!

V \_Faz 10 minutos cada um com um!

P \_Vai revezando?

Coro \_É!

T \_Eu sou o violão primeiro!

P \_O que vocês acham?

G \_Começa aqui, daí vai assim. (e todos consentiram à idéia do líder Gustavo, que seria o primeiro a escolher, já que estava do meu lado e, em seguida, seriam aqueles que estavam ao seu lado, na ordem)

Gustavo pegou a darbuca e José pegou a cuíca.

Percebemos aqui a primeira clara tentativa de uma auto-organização grupal para obter êxito na tarefa de fazer música, onde atuam os processos secundários, que utilizam a faculdade do pensamento, criando regras,

inventando normas que facilitam o desenvolvimento da obtenção do real, porém dentro de uma oscilação.

W \_Ai a gente faz... inventa uma música, Zé! (dirigindo-se a José)

E Gustavo põe em prática a idéia de seu amigo Willian, inventando algo:

G \_Tinha um menino que tava sozinho no meio do mato... (e alguns risos)

G \_Tinha um menino, na escuridão... (cantando)

E Gustavo combina alguma coisa com José.

G \_Tinha um menino sozinho no meio do mato fazendo o que?

J \_FÓ! (FÓ será a representação onomatopéica do som da cuíca, que estava nas mãos de José).

Neste trecho da transcrição se evidencia a criatividade do grupo, onde surgiu até uma pequena composição musical letrada, originada de forma espontânea.

P \_Como é a letra? (Pois não havia entendido muito bem naquela hora)

G \_Assim, ó

E antes de me mostrarem esperavam as conversas de negociações para pegarem os instrumentos.

G \_Tinha um menino no meio do mato fazendo...

J \_FÓ

Coro (Risadas)

G \_Tinha um menino no meio do mato fazendo...

J \_FÓ

G \_Tinha um menino fazendo...

J \_FÓ

Coro (Risadas)

P \_O que ele tava fazendo? O que é FÓ?

R \_FÓ! FÓ! (rindo)

G \_Cagando!

Coro (Risadas)

Vemos aqui que na letra desta música há um mistério, havia um menino, escondido no mato e o que ele estava a fazer? O psicólogo tentou buscar essa resposta através de associações livres do grupo frente ao tema e a resposta obtida foi: “cagando”. Percebemos aqui, a necessidade que as crianças têm de usar palavrões, que por sua vez, acabam gerando investimentos pulsionais positivos no grupo observáveis através dos risos. Estes palavrões funcionam como chiste (Freud, 1905), aliviando as tensões grupais.

E continuavam a negociar os instrumentos:

T \_Ramira, qual que cê vai pegar, Ramira?

R \_Eu vou pegar o violão.

M \_Eu vou pegar o violão!

R \_Agora é você que escolhe?

Coro \_Minha vez! Minha vez!

Idalgo tentava mudar de lugar no grupo para poder escolher seu instrumento antecipadamente.

B \_O Vícente, cê tem que colocar isso aqui, né! (dizendo que ainda não era sua vez de escolher)

G \_Vai Vícente... vai...

M \_Cê não é aqui! (falando para outro (G2) que assistia)

M \_... eu vou falar pra professora...

G \_É, vai falar pra dona...

P \_Não, não! Não vai falar não... temos que resolver isso aqui!

? \_Ô João...

? \_Ô João.... cê falou um cada um... (reclamando que alguém havia pego dois instrumentos)

G \_Tinha um menino no meio do mato fazendo...

Percebi que Gustavo combinava algo com seus colegas

G \_O Zé podia ser primeiro, aí depois vinha...

? \_Cada um começa na seqüência, aí...

J \_Aí com aquele ali, ali com aquele ali, ali com aquele ali...

? \_Faz uma fila... uma fila.

Novamente percebemos o grupo voltado a questões de organização. A vida grupal destas crianças funciona basicamente em nível primário, onde o grupo atua pelo prazer, mas vemos que este processo se alterna com o princípio da realidade.

P \_Que vocês acham? (Para todo o grupo)

? \_Sobrou, que faz com esse?

I \_Sobrou!

? \_É só trocar!

? \_Ah, se quiser depois troca!

? \_Acho que quebrou esse daqui, ó...

J \_Cadê?

Coro \_Tinha um menino no meio do mato fazendo...

? \_Vamo lá gente (para começar a música).

Coro \_Peraí!

Coro \_Dois , três, ê! (barulhos e não da certo)

? \_Peraí!

Coro \_Um, dois, três ê! (contam para cantarem ao mesmo tempo)

Coro: \_Tinha um menino no meio do mato fazendo o que? (todos juntos, bem forte, mas a cuíca não apareceu).

Vicente não conseguiu extrair o som da cuíca e o grupo pede para que ele troque de instrumento com José, o qual já havia ensaiado.

Coro \_Um, dois, três ê: tinha um menino no meio do mato fazendo o que?

J \_FÓ

Coro (Muitos risos).

G \_Vamo lá. Mais uma vez...

Coro \_Um, dois, três ê: Tinha um menino no meio do mato fazendo o que?

J \_FÓ

Coro \_U huuuu. Palmas para o nosso cantor!

Coro \_Eee! (comemoração)

M \_Ó, ó, aqui no bagulho aqui, ó... (me mostrando o suposto instrumento quebrado)

P \_Não faz mal...

E as crianças começam a lembrar de canções mais elaboradas trazendo-as de sua memória para aquele aqui-agora.

Coro \_Vai... Era uma casa! Era uma casa! Era uma casa! Era uma casa!

Coro \_Era uma casa / Muito engraçada / Não tinha teto / Não tinha nada / Ninguém podia / Entrar nela não / porque na casa / Não tinha chão / ninguém podia deitar na rede / porque na casa / não tinha parede / ninguém podia / fazer pipi / porque pinico / não tinha ali / ela foi feita / com muito esmero / na rua dos bobos/ numero zero.

M \_Eu peguei, já tava quebrado...

P \_Não tem problema, depois eu arrumo.

W \_Peraí, Idalgo, não Idalgo, peraí, vem Idalgo.

Coro \_Vai quebrar, vai quebrar, pára...

Assim que a canção acaba, os participantes começam a fazer uma pequena bagunça sonora com os instrumentos tocando-os desordenadamente, porém continuam sentados em roda. Ao passar do tempo, o som se torna ensurdecador, pois alguns golpeiam os instrumentos com toda a força,

enquanto outros põem os dedos nos ouvidos para tapar o som alto. No meio desta confusão relembram a criação do grupo.

Realizam o desejo de cantar, de mostrar ao psicólogo que conhecem músicas, que sabem cantar. Desejam agradar o psicólogo, ainda numa posição de Ego Ideal.

Coro: \_Tinha um menino no meio do mato fazendo o que? (E risos).

? \_Fiquei uma semana sem fazer cocô (falando bem alto para o grupo).

Algum silêncio se restabelece e permanecem todos sentados em seus lugares, exceto Willian que fica andando ao redor da roda cantando:

W \_Já parei pra falar / eu sou a dona Gigi / que beija na boca / e um abraço.

E logo o grupo traz uma nova música:

Coro: Poderosa / requebrando até o chão / te encher de carinho

P \_O que vocês acham dessa música?

Coro \_É da hora! É da hora!

Os coleguinhas de classe deles que não participam deste grupo e que ficaram quase todo o tempo espiando o que estava acontecendo se aglomeram ainda mais nas portas e nas janelas. Alguns do grupo musical levantam e fecham as duas portas, enquanto outros fecham as cortinas das janelas, privando a imagem daqueles que estavam de fora.

Esta ação do grupo de fechar as janelas e as portas impedindo a visão daqueles que não formavam este grupo mostra que, já na primeira reunião, o grupo demonstra sentimentos de preservação daquele espaço do qual não abrem mão da liberdade conquistada.

R \_Ele tá se maconhando... (passava o chocalho pelo corpo do coleguinha, como um bruxo)

P \_O que?

R \_Ele tá se macumbando (e passava o chocalho novamente)

Todos estavam com instrumentos na mão e permaneceram tocando e, quando percebi, nossa roda estava aos poucos sendo desfeita. Já havia uma nova roda formada no fundo da sala, uma roda de capoeira, onde todos ficavam de pé, batendo palmas ou os instrumentos e, pela primeira vez, o ritmo se encontrava um pouco mais. No meio da roda havia a luta da capoeira que faziam com bastante destreza. Ficavam dois no meio da roda, gingando, fazendo piruetas, se equilibrando pelas mãos e, quando um outro queria entrar, batia na mão de quem iria pegar o lugar, assim como se faz tradicionalmente na capoeira.

Realizam o desejo de brincar, de jogar a capoeira, de mostrarem para o psicólogo sua destreza, seus conhecimentos.

No início, eu estava com apenas duas pessoas que ficaram ao meu lado na antiga posição do grupo, mas logo esses se levantaram e foram para a capoeira também. Willian se dirige a mim:

W \_João, manda fazer uma roda aqui!

Pareceu-me que Willian gostaria que eu organizasse a roda de capoeira 'oficialmente'. E continuavam a dar saltos ornamentais como se fossem profissionais da capoeira. De certo, aquela não foi a primeira vez em que muitos deles jogavam a capoeira e foi essa atividade cultural a qual mais associaram com as atividades que eu propus, porém, acabei por não incentivar nem desaprovar tal atividade, apenas ficando imparcial.

Os integrantes do grupo querem mostrar para o psicólogo o que eles entendem, o que eles sabem. Enquanto alguns mostram suas destrezas, outros apenas observam sem terem uma participação direta. Estas atitudes do grupo remetem a um enunciado de Kaës (1997) que diz que nos primeiros encontros grupais, alguns participantes têm a tendência de fecharem-se em uma redoma de vidro para que não sejam ameaçados pelo grupo, enquanto outros agem de forma oposta, impondo seu ego aos demais, reivindicando as atenções.

A atividade foi naturalmente findando e alguns me notavam anotando.

T \_Eu vou fazer violão na casa da cultura! (Talita dirigiu-se a mim)

Ao perceber que enfim a capoeira acabava e alguns já ficavam a esmo pela sala, chamei-os para voltarem a nossa roda inicial e todos se acomodaram sentando-se no chão. Willian, que continuava de pé, começou a cantar a música da Gigi da qual anotei alguns versos:

W \_Se me vê nem tá ligado / ela quer um carinho gostoso / quer essa mulher / pra dizer que ela é!

W \_Se me vê agarrado com ela / Separa que é briga tá ligado! / Ela quer um carinho gostoso / Um bico, dois soco e três cruzado! / Tá com pena leva ela pra casa / Porque nem de graça eu quero essa mulher! / Caçadores estão na pista pra dizer como ela é...

E todos acompanhavam a música com as percussões juntos até que pararam.

G \_Peraí, pára, pára!

M \_Pára! Pára!

G \_O violão não combina!

E deixaram o violão de lado trocando-o por um chocalho. E recomeça a batucada, até então sem letra quando Gustavo começa a cantar:

G \_Eu vou tocar um instrumento!

G \_Eu sei tocar um instrumento!

Enquanto tocam as percussões aleatoriamente, alguns participantes cantam frases de musicas que conhecem.

T \_Do jeito que você me olha / vai dar namoro.

E Willian parafraseia esta canção:

W \_Do jeito que você me olha / seu pai é corno.

? \_Quer , quer, quer, quer casar comigo?

W \_Do jeito que você me olha seu pai é corno!

R \_Do jeito que você me olha, vai dar neném...

Ao findar esse emaranhado percussivo, inicia-se outro, já com o grupo se auto-gerindo nas horas de terminar e começar uma batucada nova. Todos cantam juntos algumas melodias que lhes ocorrem livremente.

R \_Abre as pernas e mete nela / Abre as pernas e mete nela

Coro \_Não é nada disso que você está pensando / Não é nada disso que você está pensando / é da bicicleta que eu estou falando / é da bicicleta que eu estou falando...

O grupo se encontra em ressonância emocional onde lembram as músicas e cantam-nas juntos.

G \_Glamurosa, rainha do funk...

Coro \_Poderosa, olhar de diamante / Nos envolve, nos fascina, agita o salão / Balança bem gostoso requebrando até o chão / Se quiser falar de amor, fale com o Marcinho / Vou te lambuzar, te encher de carinho / Em matéria de amor, todos me conhecem bem / Vou fazer tu vibrar no meu estilo vai e vem.

Começa uma nova canção:

W \_Se me vê agarrado com ela / Separa que é briga tá ligado! /

Coro \_Ela quer um carinho gostoso / Um bico, dois soco e três cruzado! / Tá com pena leva ela pra casa / Porque nem de graça eu quero essa mulher! / Caçadores estão na pista pra dizer como ela é... / Caolha, nariz de tomada, sem bunda, pernetta / Corpo de minhoca, banguela, orelhuda, tem unha encravada / Com peito caído e um caroço nas costas... / Ih gente! Capina, despenca / Cai fora, vai embora / Se não vai dança / Chamei 2 guerreiros / Bispo Macedo o Cumpadre Quevedo pra te exorcisar / Oi, vaza! / Fede mais que um urubu / Canhão! Vou falar bem curto e grosso contigo, hein / Já falei pra vazar! / Coisa igual nunca se viu / Oh vai pra puxa... Tu é feia!

Em quase todas as músicas que o grupo trouxe, há a realização do desejo de cantar e, juntamente com este, o desejo de trazer temas que tratam da sexualidade, temas estes que são em sua maioria, abordados de maneira pejorativa.

P \_Muito bem, nosso tempo terminou! Até nosso próximo encontro!

E todos saem correndo da sala, enquanto entra o G2.

## 4.2 3ª Reunião grupal

Cheguei ao *Recriança* e, desta vez, não vi nenhuma criança. Entrei no salão e encontrei com Talita, Beatriz e mais algumas meninas. Disseram-me que os demais estavam na aula de futebol. Eu, de fato, havia chegado dez minutos mais cedo do que de costume. As duas ficavam olhando para mim, cochichando uma com a outra e rindo, até que eu perguntei o que estavam cochichando, mas não responderam. Só riam, uma segurando a mão da outra. Observei os trabalhos de artes plásticas que haviam feito e que elas foram me apresentando, figuras que representavam o Boi-Bumbá e que, ao mesmo tempo, eram porta-canetas feitos de argila e pintados.

Conversei com Dona Cida que faz as refeições das crianças. Ela me contou o cardápio da semana inteira. Hoje era dia de *Sucrilhos* com leite. Ela também me perguntou se eu realizava esse trabalho em outros lugares, e eu disse que sim.

Vi alguns dos meninos do grupo voltando do futebol e passando na casa de Idalgo que mora vizinho ao Centro.

O relógio apontava 15:15 horas, o horário combinado para começar nossa reunião e as crianças já começavam a chegar no salão. Cumprimentei-os, perguntei dos gols que haviam feito e aguardei até que terminassem de comer a merenda.

Este é um fenômeno institucional comumente encontrado: a quebra da regra de horário por alegação de qualquer força externa.

Alguns já abriram a mala dos instrumentos e disputavam-nos ao ponto de eu pedir que tivessem cuidado.

Enfim, reuniram-se para a refeição e antes de começarem a comer, rezaram junto à professora uma prece de agradecimento ao alimento e o Pai Nosso. Nem todos estavam à mesa, alguns não quiseram comer e se ocupavam de outras coisas. Outros faziam brincadeiras durante a reza que pareciam tirar a seriedade daquele momento. Conversei um pouco com a professora enquanto os observava comer. Ela me contou da situação familiar desfavorável de alguns deles. Parecia querer ampliar meu conhecimento sobre eles, explicar porque eram tão desordeiros. Depois perguntou-me se eu era músico ou se entendia alguma coisa de música, e eu respondi que sim.

Já passavam 15 minutos do horário combinado, quando os últimos terminavam de comer e a professora chamou os menores para irem lá fora à prática do vôlei, e eu chamei os maiores para formamos nosso grupo e iniciar a reunião.

Atacaram vorazmente a mala com instrumentos e eu lhes pedia calma.

Segundo Decherf (1986), este é o fenômeno da interação que nos mostra que na 1ª reunião, o grupo estava acanhado em relação à mala dos instrumentos não atacando-a vorazmente enquanto, na 3ª reunião, já o fazem demonstrando familiaridade com eles, sem nenhum impedimento, nenhum medo da aproximação com esses objetos.

Estavam presentes: Beatriz, Danilo, Gustavo, Idalgo, Manoel, Ramira, Talita e Willian.

O início da reunião é marcado por uma confusão para escolher os instrumentos. Brigavam entre si para obter esse ou aquele instrumento. Willian havia trazido seu berimbau.

Ao trazer o berimbau, Willian quer mostrar que ele também traz instrumentos, assim como o psicólogo, sendo essa ação entendida como uma identificação positiva com o líder do grupo e também significando interesse naquele espaço musical, mostrando que também pode somar para a realização daquele encontro.

P \_Como vão fazer para escolher?

W \_A gente já se decidiu, se brigar vai ficar sem...

P \_A é, é?

E a briga continuava.

P \_Vou pôr aqui e depois vocês pegam (os instrumentos no centro da roda).

? \_Depois vocês pegam... (me imitando).

D \_Gustavo, você que escolhe...

Esta frase denota que, aos poucos, o grupo vai criando contato com a realidade, definindo regras e ordens para o melhor funcionamento do grupo. Vão se auto-organizando, pensando acima da realidade.

Estavam tentando criar uma regra para pegar os instrumentos ordenadamente, mas eles não se continham com aqueles instrumentos ao centro e aconteceu que pegavam-nos aleatoriamente.

R \_Espera, gente!

Enquanto pegavam os instrumentos, iam experimentando os sons.

W \_Meu nome é Willian, tá ligado! (falando ao gravador)

Começam a se apresentar, também no nível da ordem, da identificação com os personagens adultos da música.

Idalgo e Gustavo estavam brigando pelo mesmo instrumento...

M \_Tinha um menino no meio do mato fazendo o que?

M \_Tinha um menino no meio do mato fazendo o que? (FÓ)

R \_Ô João! (psicólogo) O Willian fez assim, ó (e pega o gravador e me mostra como ele havia feito)

R \_Meu nome é Willian, tá ligado!

T \_Tá torto, professor (falando do instrumento do coquinho).

Estas sentenças anteriores denotam ainda um planejamento das atividades onde o grupo se comporta de forma auto-organizacional.

Deixo-os fazer o que querem pois esta é uma fase de experimentação dos instrumentos. E eles relembram as próprias criações:

G \_Tinha um menino no meio do mato fazendo o que?

? \_E o ovinho?

? \_Ta duro o cocô dele, hahaha (comparando o ovinho com fezes).

E tocam a cuíca bem devagar, o berimbau soa quase todo o tempo junto à calimba.

R \_E esse, o que é?

P \_É o triângulo.

Pela primeira vez desde a primeira reunião, tornam a perguntar algo referente à música ao psicólogo.

E a darbuca acompanha o berimbau

M \_... mas não dá pra ninguém. (cantando)

E outros instrumentos começam a acompanhar o berimbau. Esta produção sonora começa com bastante entusiasmo, mas aos poucos os desencontros sonoros vão extinguindo essa manifestação.

M \_Vamos fazer aquela banda da batucada?

G \_Aquele lá que a gente fez na outra aula?

W \_Ah não, não, não, vamo outro, aquele lá não.

P \_Como que era isso?

G \_Aquele lá que eu fazia um som, daí outro fazia igual...

R \_Não é! Não era igual, era um som que combinasse...

E o grupo ia consentindo essa atividade.

M \_Eu vou apontar pra quem vai começar a tocar! (E aponta para Willian)

W \_Eu não!

G \_Eu também não! Vamo inventar uma música! Mas eu não, eu já inventei...

P \_Tá, bom. Estou vendo que temos um impasse aqui em relação ao que nós vamos fazer hoje.

(silêncio, com exceção de alguns instrumentos)

M \_Eu vou tocar uma guitarra!

D \_A gente vai cantar música *RAP*.

I \_Que..., cê só pensa em *RAP*, muleque!

Demonstram seus desejos de tocarem guitarra ou cantarem *RAP* conforme uma identificação com figuras vistas na mídia.

(silêncio, alguns instrumentos soam)

P \_Quem tem uma idéia?

Gustavo tenta, cochichando com colegas ao lado, combinar alguma coisa, organizar algo e Willian logo dá uma idéia diferente, mas nenhuma delas convence o grupo, até que dizem:

G \_Amanhã não vai ter aula!

Coro \_U-hu! (comemorando).

Esta frase demonstra que o grupo é um espaço diferenciado da sala de aula ou da escola, onde podem comemorar que não haverá aula. Mostram que esse é um espaço lúdico no qual podem demonstrar sua alegria enquanto, a sala de aula, é um espaço onde se impõe informação e ensinamentos às crianças ameaçando seus desejos de brincar, fazer bagunça. Já no grupo de música, fazem esse comentário sem restrições, demonstrando ser o grupo um objeto bom onde podem realizar suas fantasias, desejos, vontades, sem nenhuma ameaça, mas de forma permitida pelo psicólogo.

O professor da escola é uma figura paterna, castradora, pois representa a lei, a ordem e a disciplina. Já o psicólogo, ao ter uma atitude democrática, representa uma figura materna, acolhedora.

E iniciam-se conversações paralelas sobre o tema da falta de aula, todos muito animados com esta notícia.

P \_O que a gente pode fazer com a música, então?

I \_Uma rodinha de... de

D \_Alguém inventa uma música, e o outro vai... Alguém inventa uma música...

P \_Diego, põe sua idéia para o grupo.

D \_Alguém inventa uma música.... aí... a gente ta falando de inventar música, certo?

G \_Fazer um som!

D \_Aí outra pessoa vai terminando essa música, mas com som... com som que combina.

D \_E joga a capoeira...

Parece que Danilo mudou rapidamente de idéia porque sutilmente percebeu que o interesse de Gustavo e Willian era de jogar capoeira.

Inicia-se um som forte, todos juntos, com alguma harmonia, que logo vai deteriorando-se.

? \_Ô, e o Zé? (José havia faltado, e era o tocador oficial de cuíca).

E a batucada renova a força.

Após combinarem entre eles, vieram me pedir para que fizessem um palco para se apresentarem e eu consenti. Levantaram-se, pegaram os bancos do refeitório e foram unindo um ao outro até formarem uma superfície plana e mais alta do que o chão, deixando um banco para o público assistir. Logo que todos haviam deixado a roda para entreter-se com a atividade fiquei fazendo algumas anotações e me posicionei de pé na sala por um tempo para, enfim, sentar-me no banco da platéia.

Esta iniciativa mostra o desejo deles de fazer música, de triunfar sobre essa tarefa, de serem adultos, que sobem no palco e se apresentam. Atuam pelo desejo, pela ilusão, onde tudo é bom, onde estão preparados para subir ao palco através de um pensamento mágico, onipotente.

D \_Tive uma idéia! (E chama alguns colegas em um canto para combinar alguma coisa).

Decidiram se separar em subgrupos que fariam apresentações diversas uns para os outros.

Enquanto arrumavam o palco:

G \_João, agente vai fazer o “Ídolos” (referindo-se a um programa de TV).

Demonstram que têm uma forte identificação com os programas de TV, o que nos faz pensar com que ídolos estes jovens estão se identificando e que representações mentais têm esses programas para eles?

? \_Vai Danilo... vai Danilo, você começa depois a gente entra no meio...

W \_Vou cantar a dona Gigi! Eu sou fã dessa música! (Rindo)

Willian sobe ao palco com uma peruca e um vestido e faz a primeira apresentação. Canta um *RAP* de linguagem lépida e com acompanhamento de Gustavo na darbuca. Pareceu um improviso fugaz de quem queria estrear o palco.

A maioria dos colegas não estava no lugar do público, mas espalhados pela sala, combinando o que iriam apresentar. Alguns cantavam junto às apresentações.

A letra da canção que trouxeram:

Coro \_Se me vê agarrado com ela / Separa que é briga tá ligado! / Ela quer um carinho gostoso / Um bico dois soco e três cruzado! / Tá com pena leva ela pra casa / Porque nem de graça eu quero essa mulher! / Caçadores estão na pista pra dizer como ela é...

Coro (bem forte) \_ Caolha, nariz de tomada, sem bunda, pernetta / Corpo de minhoca, banguela, orelhuda, tem unha encravada / Com peito caído e um caroço nas costas... / Ih gente! Capina, despenca / Cai fora, vai embora / Se não vai dança / Chamei 2 guerreiros / Bispo Macedo o Cumpadre Quevedo pra te exorcisar / Oi, vaza! / Fede mais que um urubu / Canhão! Vou falar bem curto e grosso contigo, hein / Já falei pra vazar! / Coisa igual nunca se viu / Tu é feia! / Xi xi xi / Eu sou a Dona Gigi.

Esta canção que trazem tem uma conotação clara de misturar a sexualidade com a violência. Além da identificação com o estilo de música (RAP), também se identificam com a forma que é realizada a apresentação desta, pois assumem o papel da mulher Gigi e se vestem como ela, porque lhes foi dada essa liberdade. Até os meninos se vestem de mulher.

M \_Peraí gente! Para aí Diego. A gente começa aqui depois vai parar no meio.

G \_Vai um de cada vez, é melhor!

G \_A gente vai fazer uma apresentação de capoeira.

D \_A gente vai pro quartinho pra ensaiar a dona Gigi.

P \_Vocês vão ensaiar?

Alguns saem do salão para combinarem a apresentação, outros trancam-se no quartinho. A turma da capoeira permanece no salão combinando:

I \_...e você canta a capoeira, mas vai tocando... (explicando para

Willian que estava com o berimbau). É assim a capoeira, entra esse instrumento (o caxixi), depois entra o berimbau...

Aquele clima lhes despertava algo alegre, prazeroso. Por mais que o grupo estivesse por um lado fisicamente separado em subgrupos, por outro, estavam unidos por essa alegria e determinação que me parecia comum a todos, com exceção de Beatriz e Ramira, que permaneciam sentadas do meu lado como se fossem contra aquela "bagunça", como algumas comportadas fazem em respeito ao professor.

? Ô pára aí, ô! Pára aí, ô!

W \_Pode professor, apresentar a capoeira?

P \_Pode.

W \_Vamos lá então! (falando para as pessoas).

W \_Aqui ó, aqui (combinando como seria apresentação).

W \_Pára, caralho! (ele queria silêncio para começar, mas a darbuca não parava)

Muita confusão antes do início da apresentação.

W \_Silêncio pra começar!

A segunda apresentação foi da capoeira, realizada no chão do salão, não sendo possível utilizar o espaço do palco para tal apresentação.

Tentam começar a roda ao toque do berimbau, mas o subgrupo ainda não estava suficientemente organizado quanto à sincronia rítmica. Em uma segunda vez começam a atividade com sucesso.

Coro \_Zum zum zum. Capoeira mata um! (cantando)

Todos cantam juntos a música, e Danilo e Idalgo vão ao centro da roda para jogar, dando cambalhotas, piruetas... Então Gustavo estende a mão para Idalgo para entrar no seu lugar e agora ele luta contra Danilo. Jogam igual a adultos, tendo aprendido toda a cultura que está presente nesse jogo.

Nesta atividade realizam o desejo de jogar capoeira, de dominar o corpo, de mostrar suas habilidades. Desta vez, reproduzem algo aprendido culturalmente através de experiências vividas e não postas pela mídia. Identificam-se com mestres de capoeira, com professores com quem tiveram aulas. É realizado o desejo de se apresentarem como gente grande, onde tanto a identificação com os personagens da música quanto com seu conteúdo, expressam por si próprios os desejos dessas crianças.

Todos estão concentrados na capoeira, que demonstra ser algo que lhes dá muito prazer.

Nem todos estavam presentes à apresentação, alguns permaneciam trancados na sala ao lado, combinando algo. Danilo e Gustavo, assim que finda a capoeira, vão à salinha de brinquedos onde os demais estavam reunidos. Outros permanecem no salão tocando instrumentos aleatoriamente.

Depois de terminada a capoeira e dos subgrupos combinarem suas apresentações, sobem ao palco as meninas que já haviam abandonado a posição de alunas exemplares para juntarem-se aos demais. Porém, nada tinham a apresentar, ficando apenas na posição de performistas.

De repente, surge da sala de brinquedos Gustavo, fantasiado, vestido de mulher, com batom, com uma barriga enorme e uma peruca cantando a musica da gordurosa, que foi acompanhada por todos os presentes:

Coro \_Gordurosa, rainha do *funk* / Gordurosa.... / Se quiser falar de amor / Fale com o Marcinho / Vou te lambuzar / Te encher de carinho / Em matéria de amor / Todos me conhecem bem / Vou fazer tu vibrar no meu estilo vai e vem / Vem, vem dançar, empine o seu popozão /Remexe gostoso e vai descendo até o chão / Popozão, popozão, quero ver seu popozão...

Uma apresentação bem rápida, mas que teve forte efeito catártico nos participantes do grupo, que em forma de expectadores, cantavam junto a letra da música. Depois de pesquisar em casa, descobri que cantaram a letra da música na íntegra, como é conhecida, trocando apenas a palavra “poderosa” da versão original por “gordurosa”. Ao terminar a música, permanecem no palco, mesmo sem apresentar nada.

Este é um momento de ilusão, onde sonham ser como aqueles personagens que vêem na televisão. Ao trocarem a palavra “poderosa” por “gordurosa” fica evidenciado um deboche com a figura feminina. Podemos entender a gordura, aquilo que entope as veias ou dificulta os movimentos, como uma gordura emocional; é uma parte deles projetada no outro, a personagem da música, uma mulher feia e externa. Esta música foi trazida por escolha do grupo, e cantaram-na com prazer.

Danilo conseguiu um chapéu, um óculos escuro e foi ao palco cantar junto à Ramira e Talita , que retornaram ao palco:

Coro \_No dia em que saí de casa minha mãe me disse filho vem cá / Passou a mão em meus cabelos, olhou em meus olhos começou falar...

Cantaram este trecho da canção, sem paródias, e logo findaram a apresentação. Então, uniram-se a eles Manuel e Willian e, juntos, começaram a cantar:

Coro \_No dia em que saí de casa minha mãe me disse filho vem cá / Passou a mão em meus cabelos, olhou em meus olhos começou falar / Por onde você for eu sigo com meu pensamento sempre onde estiver / Em minhas orações eu vou pedir a Deus / Que ilumine os passos seus / Eu sei que ela nunca compreendeu / Os meus motivos de sair de lá / Mas ela sabe que depois que cresce / O filho vira passarinho e quer voar.

Cantaram duas vezes essas últimas quatro frases, todos juntos, inclusive o público. Essa é uma música que todos parecem conhecer. Ao encerrar essa canção, Danilo, Manuel e Willian cantarolaram:

Coro \_Seu guarda eu não sou vagabundo / Eu não sou delinqüente / Sou um cara carente / Eu dormi na praça / Pensando nela / Seu guarda seja meu amigo / Me bata me prenda / Faça tudo comigo / Mas vai me levar / Pra bem longe dela.

As apresentações tinham um início bem definido, porém o final quase sempre acabava por irem abandonando o cantar. Substituíram as duas últimas frases: “mas não me deixe / ficar sem ela” para o oposto “mas vai me levar / pra bem longe dela”.

A substituição destas frases pode ser entendida como uma formação reativa, considerando que estas crianças estão na fase de latência, caracterizada pelo medo do entendimento do sexo oposto, trocam a frase em que se fica perto dela para a frase em que ficam longe dela.

Ramira sobe novamente ao palco e começa a cantar:

R \_Eu sou desmantelado / Se liga aí mané / Quando eu tirar a roupinha / Cuidado com o chulé.

M \_Cê marca tudo que a gente faz?

P \_A-ham

E continuam cantando inúmeras vezes esse refrão:

Coro \_Eu sou desmantelado / Se liga aí mané / Quando eu tirar a roupinha / Cuidado com o chulé.

R \_Dentadura é... ...é rapadura!

R \_O Gugu na televisão!

O grupo sai de uma posição racional e se entrega à associação livre. Essa linguagem expressa nos versos acima, de um vocabulário sujo, é vista aqui como um processo catártico de projeção.

Coro \_Eu sou desmantelado...

E a apresentação termina.

P \_Mas o que é desmantelado?

Me explicam que é um quadro do programa do Gugu.

R \_A dentadura na mão é o Gugu na televisão!

R \_Rapadura na mão, é o Gugu na televisão!

R \_Eu sou desmantelado / Rapadura / dentadura (cantando)

E Ramira torna a cantar:

R \_Eu sou desmantelado / Se liga aí mané / Quando eu tirar a roupinha /

Cuidado com o chulé.

M \_O João quer falar!

M \_Gustavo!

M \_Gustavo! (Gritando).

D \_Pára Ramira (Gritando bem alto).

D \_Seu demônio da Tazmânia!

R \_Vou contar pra dona o que você fez.

D \_Vou contar pra dona que você me bateu... (imitando voz de choro)

Demônio da Tazmânia é a projeção de um bicho feroz na figura do outro.

P \_Podem guardar os instrumentos, mas vamos ficar aqui pra conversar um pouco.

P \_Quem de vocês quer falar algum pensamento?

R \_Eu penso desde que eu nasci!

P \_Você pensa desde que você nasceu?

D \_Eu penso desde que eu nasci, pelo cordão umbilical.

W \_João, cê sabia que eu já nasci devendo!

P \_Como é que é?

W \_Eu nasci devendo!

P \_É mesmo, por que você nasceu devendo?

Muito barulho na sala, não conseguia ouvir a resposta.

P \_Gente, vamos combinar, nesta hora, quando um falar...

D \_O burro abaixa a orelha.

P \_Não, vamos escutar nosso colega...

W \_O Brasil não ta devendo pros Estados Unidos?

P \_A-ham.

W \_Então, a partir do dia em que eu coloquei o pé no hospital eu tava devendo, porque eu sou brasileiro.

P \_Então você está devendo porque é brasileiro?

W (Sim com a cabeça).

P \_Certo.

P \_Mas alguém quer falar algum pensamento?

D \_Quando eu tava na barriga da minha mãe, eu tava dentro do útero

P \_Do útero...

D \_Aí chegou um carinha, viu aquele girininho muito louco, ficou olhando pelo buraquinho.

P \_A-ham.

D \_Num vou contar mais!

P \_Não vai contar o final?

D \_Agora acabou!

I \_Não entendi!

R \_Quando eu nasci...

D \_Quando a Ramira nasceu, o médico pensou que era um homem, aí foi ver era uma mulher! (Risos)

R \_Quando eu nasci, então eu vi que o médico segurou assim, pelo cordão umbilical...

P \_Ãh.

D \_Eu ainda mijei na boca do médico

P \_Na boca do médico?

D \_Vagabundo fica olhando onde não deve...

P \_O que a gente fez hoje?

W \_Brincamos.

? \_Música!

P \_Música, e brincamos?

I \_Show!

R \_Divertimos!

P \_O que mais?

I \_Jogamos capoeira!

W \_Vestimos fantasia...

P \_Você se vestiu do quê? (para Willian).

W \_A gente fez a Dona Gigi!

P \_E de onde vocês conhecem a dona Gigi?

Coro \_Da televisão!

W \_Só que faltava um monte de coisa. O batom! A barriga dela é muito grande!

P \_E o que vocês acham da dona Gigi?

R \_Muito Gorda!

G \_Ela é feia!

B \_Legal

T \_Engraçado!

P \_Muito bom, qual foi a outra apresentação nossa?

G \_E a gordurosa? (alguns cantam a “gordurosa” quando é lembrada).

T \_Eu que fiz a maquiagem da gordurosa!

P \_Ah, foi você quem fez a maquiagem! Eu não conhecia a gordurosa.

I \_É assim ó, é uma música que fala assim: Ô gordinha, ô gordinha, hoje eu vou te esculachar! (risos)

I \_Eu acho legal a dona Gigi!

G \_E a barriga dele! (disse “dele”, no masculino)

P \_A barriga?

Coro \_Gordurosa! Rainha do *funk* (cantando).

P \_O que mais?

I \_Capoeira.

P \_Eu achei muito bonito também, vocês jogam capoeira muito bem. Tinha música na capoeira?

I \_Tinha gente tocando música!

W \_Era dos dois!

I \_Eu tava lá na aula de capoeira aí o professor me perguntou: \_cê quer brincar ou brigar? Aí eu respondi: \_Ué, os dois!

P \_A capoeira parece uma luta, não é?

I \_A capoeira é uma luta!

R \_É uma dança!

I \_Eu sei a história da capoeira, era o Zumbi dos Palmares, ele fugiu, ele era da cidade, ele fugiu do cativo por causa que ele sabia lutar a capoeira, aí ele bateu no cara lá e ele fugiu pro... como é que é? Colombo!

R \_Quilombo!

Quilombo pode ser entendido como o lugar da liberdade, da fuga de uma prisão para um lugar de autonomia.

I \_Aí ele ensinou lá pra eles e foi passando de geração em geração....

P \_Muito bom! Gente, nosso tempo terminou, podem guardar os instrumentos!

T \_Professor! Você viu que o Wesley ficou invadindo aqui...

Alguns saem correndo sem guardar os instrumentos, outros ajudam enquanto o G2 entrava no salão.

Fim da 3ª Reunião

### 4.3 5ª Reunião grupal

Ao estacionar o carro no lugar, alguns participantes do grupo já cercavam o veículo me pedindo para levarem a mala dos instrumentos e o violão.

As crianças manifestam um espírito coletivo, demonstram sentimentos de compartilhamento e de pertinência.

Eles estavam voltando da aula de futebol, prontos para tomar a merenda, desta vez, sem atrasos.

Observamos que o grupo reflete uma responsabilidade, uma conscientização sobre o tempo e o espaço, criada na instituição.

Antes de começarem a comer, rezavam junto à professora, e eu me aproximei e observei-os. Gustavo, que havia se mostrado um dos líderes do grupo, me chamou em um canto e disse que não gostaria de participar da "aula" hoje, pois ele havia trazido sua bola de futebol e não havia jogado o suficiente. Eu lhe disse que ele tinha liberdade para escolher se deveria participar ou não (conforme nosso contrato), mas que gostaria muito que ele participasse já que ele sabia até fazer alguns acordes no violão (instrumento que ele portou apenas uma vez, na 1ª reunião).

Esta foi uma interpretação acolhedora por parte do psicólogo, ao permitir que o participante vencesse suas resistências, seus impedimentos, e tivesse maior liberdade para pensar e fazer uma escolha quanto à sua participação.

Conforme eu havia decidido na reunião passada, marcada pela falta de privacidade, reuní-os para perguntar-lhes se gostariam de mudar de espaço físico do encontro para a salinha de brinquedos, a fim de garantir-lhes um espaço verdadeiramente recluso, onde pudessem estar no grupo sem serem observados por pessoas de fora, como acontecia no salão. Dependia ainda da decisão deles quanto a essa mudança. Reuni o grupo, todos de pé, em roda, no salão onde havíamos trabalhado até então e perguntei-lhes se gostariam de fazer a reunião na sala menor. Não fazia idéia de como reagiriam, mas me pareceram unânimes em aceitar a idéia de muito bom grado, sendo que vários deles verbalizaram a favor dessa idéia e até se mostraram entusiasmados com a mudança.

Após combinar com o grupo, entram correndo na salinha Ramira, Beatriz, Talita, Willian, Vicente e Danilo, demonstrando familiaridade com aquele lugar, mexendo nos brinquedos da sala. Manoel, Idalgo e Gustavo foram para outra direção, fora da sala de brinquedos.

B     \_Cadê o Manoel que ele veio? Ele é daqui o Manoel!

Manoel abre a porta e entra.

R     E o Idalgo?

T     Cadê o Idalgo?

Ramira sai para procurá-lo.

Gustavo veio à sala e ficou parado ao lado da porta observando. Os participantes que estavam na sala se ocupavam de brinquedos e instrumentos e alguns já extraíam algum som deles. A darbuca, o maior instrumento, que permite sons de maior intensidade e que, até então, era usado principalmente por Gustavo, estava agora nas mãos de Willian. Danilo estava escondido atrás do armário, com o tamborim na mão, talvez para que ninguém pegasse esse instrumento.

Ramira chega com Idalgo.

Novamente o fenômeno do atraso é vivenciado. Por um lado, a idéia da mudança de sala deixou-os empolgados conforme sua manifestação, mas por outro, observamos que o grupo regrediu sua percepção de espaço como um espaço paralisado. Por mais que tivessem familiaridade com o lugar, a realização da reunião em um novo lugar é sentido com receio e estranheza pelo grupo.

P \_Idalgo, quer participar?

I (sim, com a cabeça)

D \_A namorada dele chama Maria Clara!

Coro (Risos, há um grande rebuliço no grupo)

R \_Não, é a Tainá, é a Tainá!

W \_É uma que deu um beijinho na boca dele ali, ó!

R \_Ela tá na catequese.

T \_Ela é da minha sala.

- I \_Não é ela! Não é ela!
- B \_Não é uma que tem olho verde?
- R \_É!
- I \_Não é! Não é uma que tem olho verde!
- T \_É aquela mais alta que vinha aqui...
- M \_Vou ficar aqui no meu lugar, vou ficar quietinho!
- T \_Você tem certeza que é ela? (ainda no assunto da namorada)
- ? \_Tem certeza que é ela, Ramira?

Enquanto isso, eu anotava quem havia pego qual instrumento. Alguns socavam uma grande caixa de papelão que havia na sala, batendo nela com a baqueta do tamborim. Willian escolheu o chocalho, Vicente o pandeiro e Beatriz ficou com o Coquinho.

- D \_Sua mãe! (pow) Sua tia! (pow) Sua avó! (pow) (socando uma grande caixa de papelão que havia na sala).
- T \_Cê da aula pro *Recriança* do Jardim América? (para mim)
- P \_Do Jardim América? Não.

Alguma bagunça começa, todos experimentando os instrumentos.

- ? \_Olha o violão! Olha o violão! O violão tá (????).
- ? \_Cantar! (cantando).
- M \_Tá na hora da comida! Tá na hora da comida! (batendo no triângulo).

Nesta mudança, a tarefa musical foi esquecida, ocorrendo o fenômeno do caos, onde se cria uma bagunça oposta ao desejo do grupo de conseguir

um lugar mais aconchegante, supostamente, para melhor realizar sua tarefa musical.

P \_Posso falar alguma coisa?

Coro \_Pode.

P \_É o seguinte, nós temos algumas regras que precisamos cumprir...

Devemos ficar em roda...

? \_Eu tô em roda! (e os outros que estavam no meio da roda se ajeitavam em seu perímetro).

R \_Vou beber água! (respondi que podia ir, gestualmente).

P \_Evitar entrar e sair a toda hora.

P \_E a regra principal, a mais importante... Vocês devem fazer o que quiserem relacionado à música. O que vocês quiserem.

? \_Onde que tá o Danilo? (estava escondido atrás de uma estante).

D \_Tô aqui! (aparecendo e sumindo novamente).

Os participantes não suportam ficar em roda, desfazendo-a, excluindo-se dela ou retirando-se da sala. É notória a resistência do grupo à realização da tarefa, à conscientização do espaço e do tempo.

Algum barulho.

M (Cantando) \_No dia em que eu sai e casa minha mãe me disse...

I (Cantando) \_Eu gosto de passear / Eu gosto de balançar.

G \_Danilo Parreira, grudou na bananeira! (risos)

W \_Danilo Parreira, ficou com caganeira! (risos)

? \_Willian! De onde cê veio?

G \_De traz do côco.

? \_O que você merece?

D \_A buceta da sua mãe!

W \_E o Danilo?

Coro \_Da onde que ele veio?

W \_Do meio do seu cú!

Coro \_O que que ele merece?

W \_A pica da Raul! (risos)

Coro (Cantando) \_Da onde que ele veio? De traz do bambu / ele merece /  
no meio do cú.

O ânus (cú) é o espaço da sujeira e simboliza a agressividade. Os participantes do grupo passam por um estágio de sadismo, onde sentem prazer de atacarem-se uns aos outros.

B \_O que você ta anotando? (pra mim).

I \_É! O que cê ta anotando? (um breve silêncio após essa pergunta).

P \_Estou anotando as coisas pra eu não esquecer.

Coro \_Ahhhh. (Insatisfeitos com minha resposta).

P \_O instrumento que cada um pegou.

Coro \_Eu peguei esse! Eu peguei esse...

Ao falarem palavrões, sentem-se perseguidos por minhas anotações, alternando de um estágio de Id para o de Superego.

D \_E a Ramira...

G \_De onde que ela veio?

D \_Atrás do arroz.

G \_O que que ela merece?

D \_A pica de nós dois... (Risos, inclusive da própria Ramira).

R \_Vamos fazer do Danilo!

Coro \_E o Danilo!

Coro \_Dá onde que ele veio?

R \_Atrás da maçã!

Coro \_O que que ele merece?

R \_A pica do Malan! (risos)

D \_A Ramira.

Coro \_Da onde que ela veio?

D \_Detrás da maçã!

Coro \_O que que ela merece?

D \_Calcinha e sutiã!

G \_Agora do meu amigo Manoel.

Coro \_De onde que ele veio?

G \_Detrás do arroz.

Coro \_O que que ele merece?

G \_A pica dos dois! (risos)

D \_Apresento meu amigo Vicente!

Coro \_Da onde que ele veio?

D \_Da flor!

Coro \_O que que ele merece?

D \_Uma grande dor! (risos)

V \_Apresento meu amigo Danilo. (retrucando)

Coro \_Da onde que ele veio?

V \_Detrás da bananeira.

Coro \_O que que ele merece?

V \_Uma baita caganeira! (risos)

D \_Apresento meu amigo Willian.

Coro \_Da onde que ele veio?

D \_Detrás do planeta.

Coro \_O que que ele merece?

D \_A flor do capeta. (risos)

W \_Apresento meu amigo Danilo!

Coro \_De onde que ele veio?

W \_Atrás do armário!

Coro \_O que que ele merece?

W \_A pica do Romário! (Risos)

D \_Porque você faz se não agüenta? (para Willian)

T \_Apresento meu amigo Idalgo.

Coro \_De onde que ele veio?

T \_Detrás do fogão.

Coro \_O que que ele merece?

T \_A pica do Faustão!

Quase todas as associações livres que ocorrem no final das sentenças possuem aspectos agressivos, onde se diz que merecem o pênis (pica) de alguém, ou uma grande dor, ou uma grande diarréia, a flor do capeta, mostrando que o grupo age até então pelo Id e de forma destrutiva.

D \_E esse gravador aí? Quem que escuta esse gravador?

P \_Ninguém, só eu.

Coro \_Aaahhh. (Risos)

D \_Porque tá cheio de palavrão!

P \_Tem mais uma coisa, tudo que vocês falarem aqui fica preservado, eu não conto pra ninguém!

Coro \_Eeeeeee! (Comemoração)

? \_Nem pra dona?

P \_Nem pra dona.

? \_Nem pra sua mãe?

P \_Nem pra minha mãe.

Notamos uma breve aparição de um Superego grupal, quando começam a se dar conta de quantos palavrões haviam sido ditos. É natural que sintam sentimentos de culpa por agirem exclusivamente pelo prazer, disfarçando a tarefa musical em versos agressivos ou sádicos.

Barulho.

D \_Filha-da-puta! (me parece uma comemoração de poder falar o que quiser)

E espontaneamente a brincadeira recomeça:

D \_Apresento meu amigo.... apresento a Ramira!

Coro \_De onde que ela veio?

D (demora) \_É... detrás da bateria!

D \_Não! detrás da... da.... do poleiro!

Coro \_O que que ela merece?

D \_A pica do... (ninguém achou graça)

G \_Apresento meu amigo Danilo!

Coro \_De onde que ele veio?

G \_ Detrás do hospital.

Coro \_O que que ele merece?

G \_Uma pica no seu cú! (risos)

Esta brincadeira foi repetida por mais de vinte vezes a partir daqui, não cabendo repetí-las aqui, onde todos os integrantes do grupo foram “vítimas” dos versos, inclusive eu, porém de forma mais amena.

O grupo sai da formalidade, entra na bagunça, atuando pelo Id. Alcança o desejo de falar palavras sujas. Traz à tona sua sujeira interior inconsciente.

I \_E cê ta entrando na bagunça? (para mim)

P \_Ã? (Não entendi)

I \_Cê tá entrando na bagunça? Ah vai falar que não é legal?

P \_Você gosta?

I \_Eu gosto! Hiii!

W \_Quem é que não gosta de uma bagunça de vez em quando?

T \_De vez em quando, né!

E começam a tocar os instrumentos e uma bagunça se instala de verdade.

O grupo projeta no psicólogo a idéia de que ele gosta da bagunça. Este mecanismo de defesa tem a função de minimizar a culpa que sentem em relação à transgressão moral que realizam ao falar tantas coisas sujas, imaginando que o psicólogo gosta daquela bagunça.

D \_Ai minha perna! Ai minha perna! Vai ter que amputar! (Ramira pisou em cima da perna de Danilo).

Começam a gritar junto às batucadas:

G \_Apresento meu amigo Manoel! (Cantando)

E batucam, e gritam!

W \_O espera aí, espera aí, Põe os instrumentos aqui!

Riem bastante, comemoram.

P \_Eu não entendi qual é a parte musical disto daí.

? \_É música sim!

E gritam, se põem em movimento, correndo pela sala. Começam a batucar bem alto, desenfreadamente. Estão em êxtase, eufóricos, gritando e batendo nos tambores.

Pegam o gravador e começam a cantarolar nele. Parece uma comemoração, uma festa, demonstram-se alegres.

Este momento se evidencia como uma ilusão grupal, onde o grupo se exalta, exagerando os sentimentos, agindo pelo princípio do prazer e buscando esse prazer a todo custo.

? \_Tá muito abafado aqui!

? \_Professor, tá muito abafado aqui!

Começam a abrir as cortinas e as janelas que estavam fechadas.

Manoel abre a porta e sai da sala.

P \_Vocês querem deixar essa porta aberta?

E continuam a correr, a gritar e a reclamar do ambiente abafado, alguns já transpirando.

A transpiração que existe em um nível corpóreo vinda do excesso de movimentos que realizavam, que, por sua vez, traduz uma atuação ilusória de um prazer fugaz, demonstra-se emocionalmente como um sentimento de sufocamento.

? \_Pára!

R \_Isso tá doendo demais! (cantando repetidas vezes).

I \_Ih! Doeu!

I \_João, tá acabando nossa hora, não tá?

P \_Como?

I \_Acabou nossa aula!

P \_Ainda não...

G \_São 15 pras 3!

? \_Falta meia hora.

? \_Ah! Tem tempo!

E voltam a gritar e batucar desordenadamente. Manoel volta para a sala.

Pegam os brinquedos que estavam na caixa de papelão e espalham pela sala, que fica toda desarrumada. Dentre esses brinquedos, algumas bonecas femininas de borracha, das quais eles tiram a roupa deixando-as nuas. Danilo pega um espetinho de madeira e começa a furar as nádegas da boneca.

Coro \_Pára! Pára! Parou! (ficam um bom tempo gritando).

Percebendo que a bagunça estava desenfreada, achei por bem fazer uma pequena intervenção.

P \_Vamos! Nós somos um grupo e temos a música pra fazer.

Coro \_liiihh!

M \_O que que a gente vai fazer?

? \_Apresentar *Hip hop*!

? \_Se for *Hip Hop*, no dia de apresentar eu falto!

E continuam a gritar e a bater nos instrumentos.

? \_O que vai fazer? Ensaiar, ué!

I \_A gente vai e canta pra eles, aí eles cantam pra gente! (“eles” refere-se ao outro grupo, o G2).

I \_A gente vai um dia, daí apresenta pra eles, aí os outros vai um dia e apresenta pra gente!

R \_A gente faz: Ah! Roubaram meu fusquinha!

Coro \_Ah Roubaram meu fusquinha!

Coro \_Ah Roubaram meu fusquinha!

Coro \_Ah Roubaram meu fusquinha!

Ainda em uma situação de ilusão grupal, transferem um sentimento de que o grupo como um todo é bom, que fará até mesmo apresentações, que irá ensaiar. O grupo trazido aqui por eles é um objeto idealizado.

Cantaram algo:

R \_Minduim! Minduim!

D \_Muito louca essa música!

R \_Minduim! Minduiim!

R \_((((( o amendoim!

D \_Não pode ficar aqui (((((().

R \_Minduim!

Danilo pega o gravador e começa a cantar como se fosse um microfone, com entonação de *rapper*. Toma conta do grupo, que ouve suas invenções silenciosamente.

D \_((((( (((( ...uma bala no crânio e ó...

D \_Já acabou a música! (Risos).

D \_Essa eu gravei!

Nesta ação há uma identificação com a figura do cantor adulto, que usa o microfone, que se apresenta ao público.

D \_Fiz um sexo com a minha tia! (cantando)

W \_Não fica falando besteira que tá gravando!

É expresso um conteúdo libidinoso / agressivo. Neste espaço são realizados desejos incestuosos censurados socialmente.

D \_Minha mãe (????) / Queimadura de cigarro (????) (ainda com entonação de *rapper*)

D \_Não sei cantar o resto. Vou mandar a do amendoim, ceis quer?

Coro \_ Eu quero! Eu quero!

D \_Então vai: minduim, minduim preto.

D \_Sua mãe tinha Minduim / Eu não tinha / A onda do mar apagou / Pegou no meu pequenininho / Sua mão pediu o amendoim / Eu não tinha / Oh meu deus! / Mas que amendoim preto do céu / Vou me dar bem comendo amendoim / Sua mãe pediu / Oh meu deus amendoim pequenininho / Bem no cuzinho! / Oh!

D \_Acabou!

Coro \_Ehhhhh!

D \_Então vai, que música que eu canto?

G \_A do amendoim!

D \_A do amendoim preto?

D \_Vou cantar uma sexual!

G \_Pode cantar!

D \_Faça sexo seguro! Use camisinha! Esse programa é recomendado para menores de 14 anos!

D \_Faça sexo seguro! Use camisinha! (E começa a cantar) Ele pediu, pedaço de amendoim / Eu queria uma camisinha / Ela pediu o amendoim / Ela pegou meu pinto / Colocou na cara / Oh! Oh!

Demonstram que sabem que sexo seguro é feito com camisinha, e desta forma, eles se põem na posição de adultos. Entretanto, sabem inconscientemente que ainda não atingiram o *status* adultos, o que se mostra pelo uso da expressão “menores de 14 anos” ao invés de “maiores de 14 anos”.

Gustavo entrou em uma grande caixa de papelão onde se guardam brinquedos, portando uma boneca de plástico e um lápis, simulando uma cena de sexo. Danilo pegou o gravador e foi gravar o que Gustavo fazia ali dentro.

A caixa de papelão é metaforicamente transformada em um quarto, ou em um espaço reservado, pois uma relação sexual não acontece ao ar livre, na frente de todos, mas é mostrada de forma censurada.

Uma observação: (f) significa a interpretação de uma personagem feminina, e (m) de uma masculina.

G(m) \_Sua biscate!

G(f) \_Oh, oh, oh, filha-da-puta!

G(m) \_Sua vaca! Ai, ai, ai. Ai sua biscate! Ohhh!

G(f) \_Aaahh. (simulando os gemidos de uma relação sexual).

G(m) \_Eu gozei! Abre a boca, sua biscate! Vai, vai, agüenta o tranco! Vai, vai!

Observamos neste conteúdo a realização de seus desejos sexuais, representada através de um conteúdo adulto de relação sexual.

O grupo permaneceu assistindo, dando pequenos risos escondidos.

G(f) \_Ai ai ai , não me toque!

G \_Acabou!

Coro \_Eeeeeee! (Comemoração)

G \_Vai de novo!

Coro \_Eeeeeeeee!

Danilo entra na caixa junto com Gustavo e Idalgo assume a posição de gravador do “filme”. Eu, que até então não podia ver o que acontecia dentro da caixa, discretamente achei uma posição onde poderia enxergar lá dentro, a fim de cuidar que nenhum limite fosse excedido. Sentia que minha figura foi completamente esquecida pelo grupo naquela ocasião.

Entram em uma euforia, um êxtase, um estado libidinoso, prazeroso, uma parafrania, onde o psicólogo não foi sentido como perseguidor.

? \_Peraí, peraí!

I \_É um filme!

I \_Continua o filme.

G(f) \_Ai seu filha-da-puta! Ai, ai.

D(m) \_Cê quer sua biscate! Vou te bater!

D \_Filha-da-puta que tá chutando! (Chutavam a caixa de papelão na qual estavam dentro).

R \_Vai, continua Danilo.

D \_Ah! Não quer parar de chutar!

Ainda em um nível imaginário, apenas através da fala, continuam:

G(f) \_Ai ai, me come...

I \_Vai Danilo, continua!

G(f) \_Me come filha-da-puta!

D(m) \_Ah! Cala a boca! Ah, ah, eu quero gozar na boca, sua biscate!

G(f) \_Aaaiiiii chega, não agüento mais!

D(m) \_Agora cê vai ter! Sua biscate! Ai, ai! (e bate com a boneca)

G(f) \_Nunca vi tão grosso!

D(m) \_Eu vou te enfiar esse pinto grosso!

G(f) \_Ai, enfia na bunda! Aiiii! Me come mais, só mais um pouquinho! Um beijo. ( e beijam as bonecas).

I \_A segunda parte acabou, vai começar a terceira.

? \_Ai, Gustavo dos Santos Lopes!

I \_Terceira parte do filme:

G \_Cê dá por um real, ela falou:

G(f) \_Não!

G(m) \_Por 5?

G(f) \_Tá!

G \_Então fui lá no motel, arrumei um motel, aí eu comecei a comer ela.

G(f) \_Ai, ai... enfia mais! Ai, ai, ai! (e geme simulando uma cópula)

D \_Ai, ai, ai, ai, ai, vai!

G(f) \_Tá comendo o meu cú.

D \_Tá bom gata! Eu vou lhe enfiar.

G \_Ai, ai, ai, ai, ah, ah, ah, ah, ah! (e grita desesperadamente).

W \_A terceira parte acabou.

I \_A quarta parte do filme quando o homem ou a mulher falam de uma vez só.

A idéia de que essas realizações são um filme, minimiza a angústia de executá-las. O filme é uma ficção, uma brincadeira, uma mentira.

G(m) \_Eu posso te comer?

D(f) \_Não.

G(m) \_Agora eu vou enfiar vai entrar.

D(f) \_Ah, ah, ah! (começa a berrar).

V \_Vai continua!

Realizam seus desejos em nível de imitação de uma relação sexual, onde o grupo como um todo realiza suas fantasias, alguns através do voyeurismo. A imitação do papel de adulto é caracterizada como um estado de ilusão, por ser justamente aquilo que não corresponde à realidade.

I \_A quinta parte do filme recomeça

D(f) \_Ai, me come seu filha-da-puta!

G(m) \_Ta bom, lá vai, lá vai uma bombada!

D(f) \_Ai, mas esse pintinho é muito fino!

G(m) \_Cala a boca!

D(f) \_Ai, não cabe!

G(m) \_Não cabe porque é muito grande, não é?

D(f) \_Não, (????), então vai, soca o pequenininho.

G(m) \_Seu filha-da-mãe.... toma seu desgraçado! Oh! Gozei!

D(f) \_Espera um pouquinho.

G(m) \_Vai nascer um filhinho minúsculo!

I \_A sexta parte começa!

D \_Agora eu sou o homem.

G \_Ah, Danilo! (reclamando).

D(f) \_Quer me comer?

G(m) \_Não! Ce é muito feia!

D(f) \_Vai tomar no seu cú, então!

G(m) \_Vai no seu!

D(f) \_Ah, então me come, vai.

G(m) \_Toma!

D(f) \_Seu pinto é muito fino, do tamanho de uma linha.

G(m) \_Filho de uma mãe!

D(f) \_Naquela hora você não falou nada disso!

G(m) \_Tava meio grosso, você tomou bomba!

D(f) \_Tomei bomba (????).

V \_Quinta parte, vai... agora...

I \_Sétima parte começa agora.

I \_Vai, vai... sétima parte começa!

I \_Agora é três! Dois homens pra uma mulher!

D \_Peraí. Faça sexo seguro, use camisinha. Esse programa é recomendado para menores de 14 anos.

G \_Ai, vai passar na televisão! Rede Globo-bo-bo-bo!

I \_Agora começa... dois homens e uma mulher.

G \_Meu nome é Kelly.

D \_O meu é Frutífera.

I \_Kelly, Frutífera e (????).

G \_Ô Danilo, vamos perguntar praquela vadia se ela dá por um real?

D \_Vamos!

G \_Vamo lá! Vadia, você quer dar por um real?

D(f) \_Vai tomar no seu cú!

G(m) \_5 centavos?

D(f) \_Mais.

G(m) \_20?

D(f) \_Mais.

G(m) \_50?

D(f) \_Mais.

G(m) \_60?

D(f) \_Aê! (????) feita, pode me comer!

D(f) \_Mas calma aí, ele vai me comer com esse pinto aí?

G(m) \_Seu desgraçado, então toma na orelha!

D(f) \_Soca a rola no meu cú! (risos)

G(m) \_Toma! Toma! É minúsculo, né? Agora toma!

D \_ (????) ...pra mim bater uma punheta.

G(m) \_Você é traveco?

D \_Eu sou um homem.

G \_Ahh! (que maldição).

P \_Vamos fazer uma roda agora, vem cá.

Todos se levantam prontamente, fazendo alguma bagunça.

W \_Hoje tava legal!

P \_Tava legal? Do que vocês gostaram?

? (????).

P \_O que vocês acharam dessa última atividade?

Coro \_Foi legal! Foi legal!

D \_Como você gosta mais de ovo? Frito ou cozido? (pra mim).

P \_Ah.... isso deve ser alguma pegadinha.

D \_Não é não, ovo de galinha!

P \_Tanto faz.

D \_(baixinho) Ah, então pau no cú.

E eu olho pra Danilo com cara de desaprovação.

P \_Hoje nós começamos falando de namoro, que alguém tem namorada, ou não tem... Depois vocês fizeram a brincadeira do meu amigo...

W \_Peraí. (pega o gravador). Essa foi a novela da tarde!

Coro \_Err! (vaiando-o).

P \_E depois foi a brincadeira da caixa.

W \_Não é brincadeira da caixa, é novela da tarde!

P \_... e tudo com um fundo bem sexual!

D \_Ô loco! (ironizando minha fala).

P \_É isso?

P \_Por que será que a gente pensa tanto nisso?

W \_Porque todo mundo fala!

D \_Porque todo mundo aqui é homem! Ah! duas, três, tem três mulheres, hehe! A Beatriz é taradona!

Nossa cultura permite ao homem uma liberdade maior de exprimir ou realizar seus desejos sexuais, enquanto a mulher é comumente censurada.  
Danilo projeta em Beatriz o adjetivo “taradona”.

P \_O que é isso pra vocês?

D \_É a minha rola!

? \_É pra engravidar

Falam da potência do pênis que tem a capacidade de engravidar.

D \_(????) filha-da-puta, me solta... aí eu mije na cabeça.

Demonstra agressividade, um componente sádico.

- R \_Minduim!
- D \_A música do amendoim eu aprendi com o médico.
- P \_E o que vocês vêem nisso?
- D \_Eu vejo avareza.
- P \_O que é avareza?
- D \_É a pessoa pão-dura.
- I \_É a pessoa que tá cheio de dívida.
- T \_É aquele que não quer repartir o dinheiro com ninguém.
- W \_Isso se chama pão-duro.
- G \_Mão-de-vaca.

O grupo traz a palavra “avareza”, que pode simbolizar como o grupo de crianças se sente, avarento.

- P \_E o amor, o que é o amor?
- D \_Amor às escuras.
- W \_O amor é cego e mudo! (Risos)
- I \_E surdo.
- W \_Nem escuta nada!
- M \_E cabeludo.
- I \_O amor é cego, mudo e surdo.
- M \_E cabeludo. (rindo)

D \_Eu encontrei um velho na rua, daí eu perguntei: \_Onde cê mora? E

ele: \_Eu não moro. (voz de velho)

Coro (Risos).

D \_Aí ele falou: Um dia, as estrelas vão brilhar! As estrelas já brilham!

Coro (Risos).

? \_Pára! A gente ta falando de sexo aqui!

I \_Sexo!

Quando o grupo se censurava, seus impulsos sexuais existiam no escuro, de forma inconsciente, entretanto, esse tema da sexualidade veio à tona, às claras, e o grupo se encontra agora em uma fase de transição.

P \_O que é que significa amor?

W \_Amor é quando uma pessoa está apaixonada pela outra!

P \_E vocês já se apaixonaram?

Coro \_Eu não! Eu já! Eu já!

P \_E como foi quando vocês se apaixonaram?

? \_Eu queria dar um beijo.

R \_A minha amiga queria dar um beijo.

P \_Um beijo! É mais bonito, não é?

W \_Não, não, tem que dar beijo de língua, aquele que...

R (Cantando) \_Beijo de língua é coisa do passado / a moda agora é namorar pelado!

R \_Beijo na boca é coisa do passado A moda agora é?

Coro \_Namorar pelado!

Através destes versos realizam o desejo de serem grandes, que namoram e ficam nus, que tem relações sexuais.

P Bom, nosso tempo acabou, vamos arrumar a sala (que estava muito desarrumada)

E eu os ajudo a arrumar a bagunça. Alguns são resistentes à arrumação.

Pegam instrumentos e começam a tocar, ao invés de guardá-los.

R \_É pra guardar!

? \_Seu caderninho!

P \_Ah, meu caderninho, obrigado.

? \_É pra guardar, Danilo! (tirava as coisas da mala).

T \_Tô cansada!

? \_Pode sair?

P \_Pode. Quarta-feira o próximo encontro.

Fim da 5ª Reunião

#### 4.4 12ª Reunião grupal

Antes de iniciada a reunião, entraram na sala, Willian e Talita que pegaram todos os instrumentos que estavam guardados e montaram baterias para eles.

W \_Olha, dá uma olhada na bateria que eu vou montar.

T \_Minha bateria é isso daqui, olha, professor!

Percebemos transformações no processo grupal logo no início da última reunião, onde os participantes demonstram um espírito de realização da tarefa, de organização, onde querem demonstrar ao psicólogo sua disciplina, sua evolução.

A bateria de ambos era muito bem organizada, os instrumentos ficavam dispostos formando um semi-círculo a frente deles, de maneira que pudessem tocar todas as partes dessa bateria.

Logo após, entrou Vicente, que pegou dois chocalhos e sentou-se no chão. Depois entrou Ramira junto com Beatriz, que me cumprimentaram falando um “oi”. Sentaram-se ao lado de Talita que dividiu uma parte de sua bateria com elas.

Percebemos neste gesto de dividir os instrumentos, um sentimento de solidariedade que otimiza o desenvolvimento grupal em relação à tarefa. Enquanto na primeira reunião grupal os participantes lutavam entre si para

conseguir os instrumentos e voltavam sua atenção principalmente à figura do psicólogo, no final do processo, evidenciamos mais esta transformação, onde as relações se tornam mais diluídas, ocorrendo de todos os membros do grupo para todos eles.

Idalgo foi o último a entrar, e ao perceber que seus colegas haviam pego todos os instrumentos, rapidamente improvisou uma bateria para ele também, não menos completa do que as dos outros, utilizando um tabuleiro, algumas peças e caixas de brinquedo.

Danilo e Manoel não compareceram ao *Recriança* neste dia. Gustavo e José estavam presentes, mas não quiseram participar.

No início de nossa reunião, Willian já experimentava os instrumentos, batendo em cada peça de uma vez, extraindo um timbre diferente de cada.

W \_Professor. Olha o que eu consegui fazer, o cavalo! (e faz o som que lembra o galope de um cavalo).

O grupo mostra ao psicólogo toda sua evolução, sua criatividade. Por trás disto, observamos a fantasia de serem coroados, reconhecidos pelo psicólogo como um bom grupo.

Todos experimentam seus instrumentos, Vicente com seu chocalho, os demais com suas baterias.

R \_Tem como cê me emprestar? (Para Talita).

T \_Eu vou fazer uma música pro professor! (E começa a cantarolar).

T \_Lá lá lá lá lá lá lá lá lá. (Cantando).

- T \_Lá lá lá lá lá lá lá lá lá. (Cantando).
- I \_Ó, o meu instrumento! (E bate em sua bateria improvisada).
- I \_Ó Ramira, ó Willian, olha aqui.
- V \_Amanhã a professora vai pegar o papel.
- T \_Professor, a gente vai no *Hopi Hari* semana que vem.

Willian e Idalgo começam a batucar em uma espécie de jogo de pergunta e resposta:

- W Tan Tan (Batucando).
- I tan tan tan (Assim sucessivamente).

Já começam a realizar as primeiras produções musicais um pouco mais elaboradas, onde combinam frases e sons diferentes que formam um todo harmônico.

Egberto, que não é deste grupo, entra na sala.

- T \_Sai Egberto!

E ele fica sorrindo.

- P Egberto, por favor! (E ele pega alguma coisa na gaveta e se retira).

Esta brincadeira musical de pergunta e resposta se espalha por todo o grupo:

- W tan tan tan (Tocando) .
- Coro tan tan tan.

R \_Espera aí, espera aí! (O grupo para e Ramira começa).

R Tan tan tan tan.

Coro tan tan tan tan.

O ritmo começa forte e organizado, ganha em coesão no seu meio e termina com alguns deles parando de tocar aos poucos.

V \_Olha professor (e me mostra o som do cavalo, mas batendo na palma da mão e, em seguida, dando dois toques no peito).

T \_Ó Willian, vamos fazer assim, ó (E mostra um ritmo).

R \_Vai, começa Idalgo! Começa!

Nestas singelas frases, percebemos que o grupo planeja suas atividades musicais, que estão em busca de uma organização, portanto, voltados à realidade.

E Idalgo inventa uma frase rítmica à qual o grupo responde, até findarem todos juntos.

I \_Legal!

T \_Professor, você tem irmãos?

P \_O que você acha?

T \_Quantos irmãos você tem?

P \_Por que você quer saber, ein?

T \_Por nada, só por curiosidade!

T \_Então, você é o mais velho?

P \_Não, eu sou o do meio.

B\_ \_Eu também sou a do meio!

T \_Quantos anos você tem?

B \_Ele tem 27!

P \_Você já sabia, né!

I \_Eu sou o do meio também!

W \_Minha mãe tem 28 e meu pai tem quase 45! (Risos)

V \_Minha mãe tem 31 e meu pai tem 32.

T \_Ce não tem namorada não, João?

P \_Como?

T \_Ce não tem namorada?

P \_Vocês querem saber, é?

W \_É curiosidade.

T \_Curiosidade!

W \_Curusidade! (Risos) (falou errado de propósito)

W \_Cê acha que um cara assim não vai arrumar uma namorada?

P \_O que vocês acham?

W \_Cê tem uma namoradona muito gostosa!

W \_Deve ter uns peitos! (Mostrando com os braços).

I \_Cala a boca! Respeita o professor!

R \_Como que ela chama, João?

W \_Deixa eu falar!

W \_João, se eu falar uma coisa cê não vai ficar chateado?

P \_Pode falar.

W \_Certeza? (gritando)

W \_Eu fiz uma musica pra sua namorada.

P \_Pra minha namorada?

W \_Ela é! Toda cabeluda! (Cantando). (Alguns risos).

Observamos mais uma mudança. O grupo quer conhecer o psicólogo, saber quem é essa pessoa que com eles convive e, através desta curiosidade, demonstram um espírito de sociabilidade.

Começam a batucar.

T \_Ó o celular que eu ganhei da minha mãe! (E me mostra um celular de brinquedo).

V \_Deixa eu ver. (E ela mostra pra Vicente).

V \_Bonito!

Willian começa a inventar uma letra em cima do batuque, porém ficou ininteligível, pois o batuque é muito alto.

Quando o batuque termina, ele parafraseia uma canção.

W \_Lê gibi, Lê gibi! (Cantando).

V \_Onde tem um pedaço de papel? Eu quero um pedaço de papel.

B \_Aqui, ó, tem caderninho aqui, ó!

B \_Puxa, Idalgo, quase caí na sua cabeça, Idalgo!

Começam uma batucada, todos juntos fazendo a mesma frase.

Coro \_Ta ta ta, tará ta ta.

W \_E chega o dia da revolta do moleque sofredor! Sua mãe já gritou! O seu pai (????)... (cantando)

Aos poucos param a brincadeira e começam uma nova frase rítmica.

Coro \_Ta ta ta, tara ta ta.

Willian e Idalgo voltam a fazer ritmos de pergunta e respostas, e cantam junto de cada frase, difícil entender.

W \_O seu pai / Lhe perguntou / O que há / E o professor / O menino /  
(????)

W \_Vamos brincar de inventar letra!

Aos poucos começam uma nova batucada e Willian inventou uma frase que cantou junto ao ritmo:

W \_E sua mãe me deu um beijo / da boca pra fora.

A batucada prossegue até chegar a um fim mais ou menos definido. Imediatamente inventam um novo ritmo, distinto dos realizados até então, utilizando diversos timbres diferentes com todos tocando juntos e concentrados. Esse ritmo vai modificando sua estrutura no decorrer do tempo, até acabar em um final sincronizado.

Coro \_Ae! (comemoram sua produção)

Nesta comemoração, o grupo se mostra orgulhoso de suas realizações musicais. O fato de terem passado pelo processo de aprendizagem e de terem desenvolvido suas habilidades musicais em grupo, lhes possibilitou uma

produção musical mais elaborada, que lhes confere sentimentos prazerosos que, neste caso, vão além do princípio do prazer.

Sem que ninguém fale nada além desta comemoração, começam novamente a tocar, criando um ritmo muito parecido com o penúltimo que tocaram. Idalgo modifica esse ritmo combinando um som diferente dos demais.

P \_Muito bom, vocês estão combinando frases diferentes.

Começam a acelerar o ritmo até acabar essa criação em um grande rufar de tambores.

V \_Esse é o ritmo canibal!

As tampas das canetinhas agora se transformam em instrumentos para se tirar som. Willian e Idalgo pegam essas tampinhas e assopram-nas, extraindo um som bem agudo. Fazem os assobios com um ritmo bem definido.

T \_Apagou a lâmpada!

E Vicente começa acender e apagar a luz, no ritmo do som.

O grupo se mostra livre para realizar a tarefa e, por isso, o faz de modo muito criativo, utilizando possibilidades originais de extração sonora através das tampas de canetinhas. Sua compreensão de ritmo perpassa as possibilidades sonoras quando o piscar da luz também complementa de forma sensorial o ritmo que realizam.

- T \_Pára! Vai queimar! (A lâmpada).
- R \_Ô João, hoje é o último dia?
- P \_É!
- W \_Nossa! Hoje é o último dia!
- I \_Você não vai vir mais?
- P \_Vou vir, mas hoje é o último dia das nossas reuniões.

O primeiro momento desta última reunião é vivenciado com muito entusiasmo, com sentimentos um pouco eufóricos, possivelmente para negarem que este é o último dia mas, a partir destas falas, conscientizam-se desta realidade.

- W \_Ô João, a gente pode fazer um teatro?
- P \_Se vocês quiserem...
- W \_Vamos lá!
- V \_Vamos, agora!
- Coro \_Eeeee! (Comemorando que podem fazer o teatro).
- V \_Eu vou fazer o canibal!
- ? \_Quem vai fazer a flor?
- R \_Eu!
- W \_Vai, então aquela música lá, da mãe, aquela lá que eu tava cantando.  
(Risos).
- V \_Tem que arrumar o espaço, Willian!
- R \_Eu gravo!
- W \_Eu vou gravar!

W \_E tem cinco mulher pra fazer um filho amarelo! / Sua mãe entrou no meu quarto roxo! (Cantando e parafraseando a música aquarela).

W \_Sua mãe fez um filho amarelo!

I \_Tem que ter o rádio pra gente fazer uma música pra entrar!

V \_Eu vou filmar!

I \_Eu que vou filmar!

V \_Eu peguei primeiro!

O desejo de filmar o teatro é entendido aqui como uma forma de registrar a importância daquele momento em que coisas boas acontecem.

Usavam um pedaço de metal redondo como câmera de filmagem.

W \_Cinco...

Coro \_Quatro, três, dois, um!

W \_Desse jeito eu não vou filmar não, cê tem que ficar lá.

V \_Já tô gravando!

P \_O que você precisa pra fazer?

W \_Aquele som bacana, eu precisava do som.

R \_Aqui, Willian, o som!

T \_Canta você!

? \_A gente não vai fazer teatro?

R \_Eu vou ser a mãe, o Willian é o pai e você vai ser a filha, (Para Talita).

W \_Tem que ter personagens pra todo mundo, menos o João!

V \_Eu tô gravando!

W \_Não quero saber!

W \_Vamo lá fora!

O grupo pretende fazer uma homenagem ao psicólogo e, por isso, sentem que devem ensaiar em um lugar longe de sua presença. Isso demonstra uma transferência positiva em relação ao psicólogo.

Talita sai da sala. O grupo começa a cantar imitando o ritmo que fazia com os instrumentos.

Coro \_Ram ram ram, ram ram ram!

R \_Tem que esperar todo mundo se trocar.

W \_Aí, eu vou cantar uma musica de *RAP!*

W \_Vamo lá, vamo lá Ramira!

R \_Quero uma roupa pra mim!

W \_Olha! Dinheiro! (Pega algumas notas de dinheiro de um jogo, põe no bolso e sai da sala).

Talita volta para dar um recado:

T Vamos Idalgo, o Willian tá te chamando lá fora!

I Tan tan tan, tan tan tan, tan tan tan. (Idalgo indiferente, batendo com a palma da mão).

Willian abre a porta, coloca a cabeça dentro da sala e diz:

W \_Vai Ramira, cê não vai dançar?

V \_Vai começar pra valer ou não vai?

B \_A gente tem que ensaiar!

- I \_Ran ran ran, ran ran ran, (Imitando uma guitarra com a boca).
- I \_Tum chi, tum tum tum chi. (Imitava o som de uma bateria com a boca).
- V \_Vou fazer o minhocão! Rindo.
- Coro: \_Quem vai fazer esse, quem vai fazer aquele?
- V \_O João, cê vai tirar uma foto de nós, João!

Nesta frase demonstram que não apenas eles irão filmar ou, de alguma forma, deixar registrados aqueles momentos mas também, têm o desejo de que o psicólogo “tire uma foto” deles, ou recorde-se deles, demonstrando através destas transferências positivas, que aquele espaço grupal repercute internamente no grupo como algo bom.

Ramira abre a porta da salinha e grita:

- R \_Dona! O João pediu o rádio!
- P \_O João pediu o rádio? (Eu não havia pedido o rádio).
- Profª \_João, você pediu o rádio, João? (Falando de longe).
- Coro \_Vai, fala que pediu, fala que pediu!
- P \_Eu não pedi mas...
- Coro \_Eeeee! (Gritando no meio de minha fala).
- P \_Eu não pedi, mas empresta pra nós, eles querem usar.
- Coro \_Eee! (Comemoram, riem muito).

Willian e Talita voltam para a sala. Idalgo pegou o rádio e vai ligá-lo na tomada.

- I \_Essa tomada é 220.
- P \_Você tem certeza? Pergunto para a professora, e ela me confirma.

Idalgo procura um CD.

I \_Olha o CD da Malhação!

I \_Que música é essa?

R \_É da novela das sete.

Não acham o disco que gostariam de pôr. Ligam o aparelho e vão passando pelas estações de rádio entre chiados e músicas.

I \_Willian, vem cá.

I \_Sai dai da janela, Wesley!

W \_Cadê aquela musica? Não tô achando!

R \_Liga no rádio mesmo!

Sintonizam em uma estação onde se contam piadas. Ficam estáticos, ouvindo e rindo da voz das personagens que aparecem. Ao terminar as piadas, trocam para uma estação onde toca uma música de rock com guitarra.

W \_É essa, vai vai vai! Um de cada vez!

E a música acaba.

V \_Não deu nem um minuto!

W \_Vai, vamos treinar aqui no canto, depois a gente vai pro meio.

W \_Hoje é o último dia, né!

P \_É.

W \_Então vamos apresentar alguma coisa pro João!

I \_É, demorou!

Ligar o rádio pode ser entendido como uma tentativa de se saírem bem sucedidos na tarefa musical, já que este aparelho, por si mesmo, traz as músicas bem elaboradas. Traz a fantasia de serem coroados, reconhecidos pelo psicólogo, já que querem que as músicas do rádio sirvam de fundo musical para o teatro que almejam fazer em sua homenagem.

E todos saem da sala, com exceção de Beatriz.

P \_O que será que eles foram fazer lá, ein?

B \_Não sei.

Começa a tocar outro rock.

B \_Vou filmar, tá?

E, rapidamente, todos voltam à sala.

W \_Vai, vou entrar, vai.

E dança junto com Talita ao som do rádio.

I \_É a Ramira agora, vai que é a Ramira.

T \_Agora é o Igor, vai lá Igor!

Coro \_Risos (Da dança de Igor).

W \_Olha João, agora os dois (Entram os dois meninos e as duas meninas).

W \_Aí já é outra vai! (muda a música).

E dançam, e riem. Fazem uma brincadeira em que um menino e uma menina ficam no centro da roda, dançando um com o outro, enquanto o restante aguarda sua vez de também ir ao meio da roda dançar.

Cantam junto com a letra da música que está a tocar.

Coro \_É proibido fumar!

Igor acompanha a música com sua bateria, mostrando bastante destreza.

Ao terminar a música, saem novamente da sala, com exceção de Beatriz e Vicente.

V \_Espera vinte minutos, rapidinho. (Falando pra mim).

Entram e fazem a mesma atividade, uma roda de dança. As pessoas que estão no centro da roda fazem gestos uns para os outros, mandam beijos, fazem um sinal que significa “estou de olho em você”.

Quando acaba a música, Idalgo cochicha no ouvido de Beatriz:

I \_Não pode falar.

B \_A gente vai fazer uma surpresa!

R \_É pra você!

Saem todos novamente e, desta vez, fiquei sozinho na sala.

Voltam, aumentam o som (*dance music*) e começam a dançar. Fazem uma verdadeira festa. Riem bastante. Willian toma o lugar de Vicente e começa a fazer dança de rua, jogando-se no chão e fazendo movimentos acrobáticos.

R \_Não sabe! Não sabe! Cê não sabe fazer isso!

B \_Vai Idalgo, vai!

Assim como em grupo de adultos, que muitas vezes se encerram com festas, as crianças também querem fazer uma festa, que é o lugar onde os sentimentos podem ser mostrados livremente, onde buscamos ampliar nossos vínculos emocionais com as pessoas. Uma festa de despedida é ainda uma maneira de vivenciar emocionalmente que o processo anterior a essa despedida foi bom, que valeu a pena e foi positivo.

Quando terminou a música, resolvi intervir para encerrar a reunião.

P \_Está bem pessoal...

R \_Vai Idalgo, vai! (Interrompendo-me, não deixando que eu encerrasse o encontro).

E fazem muito barulho, começam a gritar.

P \_Pessoal, nosso tempo está terminando...

R \_Nãããão! (Gritando).

W \_Não acabou ainda!

I \_Vai Ramira, vai dançar!

Espero algum tempo e digo:

P \_Tá bom, pessoal, posso desligar o rádio?

W \_Espera aí, tá acabando!

P \_Só pra gente conversar um pouco.

Este trabalho de *psicodiagnóstico* repercutiu no grupo de forma tão positiva que eles querem negar a realidade do fim do processo.

Willian desliga o rádio.

P \_Vamos sentar um pouco.

R \_É ordem do *Recriança*.

V \_Ele vai descobrir!

P \_O que vocês acharam dos nossos encontros?

R \_Da hora.

I \_Da hora.

V \_Muito bom!

P \_O que vocês mais gostaram e menos gostaram?

T \_A parte chata foi o dia que só ficaram falando besteira só.

W \_A parte mais legal foi quando a gente ficou inventando letra de música.

I \_Foi quando o Danilo veio.

W \_Aí, agora que nós estamos da hora que vai acabar o negócio!

I \_Agora só ficou nós seis!

T \_Ele vai no *Hopi Hari*!

R \_Ele vai no *Hopi Hari* com a gente!

P \_Não sei se eu vou no *Hopi Hari*.

Coro \_Ahhh! (Lamentação).

? \_Vai!

W \_Vai João, aí cê leva, cê leva sua namorada!

V \_Vamos descer a montanha-russa!

R \_Ô Willian, fala pra ele, a gente tem que levar ele no trem-fantasma!

Alguma confusão.

T \_Fica quieta aí...

T \_A Tais (Irmã de Talita) falou assim, ela começou a contar pra gente, já era de noite, já era dez e meia, ela falou assim que ela brincou no labirinto, que ela tinha que correr do monstro, que dava maior medo!

Estas últimas colocações podem ser entendidas simbolicamente como uma resposta do grupo à pergunta do psicólogo em respeito ao processo. O desejo de levarem-no ao trem fantasma e a história do labirinto e do monstro pode traduzir o enfrentamento do grupo em relação a seus monstros inconscientes.

P \_E quanto à música?

W \_Não era Idalgo, que eu não conseguia cantar música engraçada?

I \_Agora eu consigo inventar coisa engraçada e tudo.

T \_Eu evolui na minha aula de violão! Pra fazer o ritmo!

W \_Cê volta segunda-feira?

P \_Segunda não, venho aqui na quarta-feira.

W \_Por que não?

P \_Porque eu tenho outros compromissos.

T \_O João, sabe que se você tivesse o violão aí, eu ia montar uma bandinha com o Willian.

O grupo diz ao psicólogo que evoluiu sua musicalidade e sua criatividade.

Começam a cochichar, olhando para mim.

W \_Entendeu? (Para Beatriz).

P \_O que...?

Coro \_Nada, nada!

W \_Aí nós dá um jeito! (para Beatriz).

T \_Nós seis aqui!

R \_Vai dar dois pra cada um.

P \_Vocês querem comprar alguma coisa, é isso?

Coro \_É!

P \_Pra que?

Coro \_Não é nada, não é nada!

W \_Agora é música, não tem nada disso. Vai João, agora é sua hora de falar.

O grupo fantasiava fazer alguma surpresa para o psicólogo, o que pode ser entendido como um desejo de demonstrar seu vínculo transferencial positivo.

P \_Minha hora de falar?

Coro \_É!

P \_Tá bom. Foi muito bom conhecer vocês. Vocês têm muita vida...

T \_Iguualmente.

P \_Eu vejo muita vida pulsando em vocês, vocês estão sempre em movimento.

T \_Iguualmente.

P \_Pulsam igual música. E gostaria de agradecer por vocês terem me ajudado a fazer meu trabalho, já que vocês vieram porque quiseram. Vocês não eram obrigados a vir então, isso significa que vocês gostam de vir aqui.

Coro \_É!

P \_Alguém quer falar mais alguma coisa?

R \_Já tá na hora de ir, já?

P \_Já, podem ir!

Alguns abrem a porta e saem, Willian vem e aperta minha mão.

W \_João, temos que jogar uma capoeira!

P \_Tá bom!

Saímos da sala.

R \_Fica aí João, tá muito cedo, tá muito cedo!

T \_Come um cachorro-quente!

I \_É, come um cachorro-quente aí com a gente!

P \_Ah, muito obrigado! (Mas não aceitei).

E \_(da outra turma) Cê vai no *Hopi Hari* com nós?

P \_Não vou poder ir....

E \_Ah, vai no *Hopi Hari* com nós, é legal lá!

Quando eu estava indo embora, todos vieram em minha direção e me entregaram um cartaz onde havia seus corações desenhados com os respectivos nomes, com os dizeres: “Obrigado João”. Então a professora falou: \_Vamos dizer obrigado para o João e, todos, de ambos os grupos me disseram em coro: “Obrigado João!”. E eu disse: \_Eu que lhes digo obrigado, por vocês terem colaborado no meu trabalho, não é! Mas calma que quarta-feira eu venho visitar vocês.

Por fim, aceitei o convite da professora e continuei a trabalhar com esses grupos como voluntário até o fim do ano.

#### **4.5 Análise dos desenhos**

Este primeiro desenho (anexo 1) foi entregue ao psicólogo ao final da última reunião grupal.

#### **Anexo 1**

Autores: Todas as crianças (do G1 e do G2)

A partir deste desenho as crianças puderam demonstrar seu agradecimento pelo trabalho do psicólogo, não apenas pelas palavras escritas “Obrigado João”, mas pelos símbolos contidos no desenho. Os corações que foram colados na folha de papel simbolizam o amor, a emoção, o vínculo

afetivo que foi estabelecido. As estrelas simbolizam o brilho, aquilo que ilumina a escuridão, e é a própria representação do grupo: amor, paz, gratidão, esperança. Esta representação pode ser entendida como a soma dos corações individuais formando um coração grupal.

Os desenhos seguintes foram elaborados na 13ª reunião grupal, cinco dias após o encerramento do processo de *psicodiagnóstico*, na ocasião em que o psicólogo retomou as atividades com o grupo. Faremos aqui breves apreciações da análise de seus conteúdos.

## **Anexo 2**

Autor: Idalgo

Título: “Futebol”

Explicação do autor: Sou eu (Idalgo) e o Gustavo jogando futebol.

Uma atividade esportiva realizada por dois jovens que representam os próprios componentes do grupo. O movimento destes personagens e do desenho como todo é a representação do grupo como um lugar de realização de desejos, como um lugar que não está estático, que pulsa vida.

## **Anexo 3**

Autora: Ramira

Título: “A família do *Recriança*”

Explicação da autora: Esses são os filhos do *Recriança*, o Idalgo, o Gustavo e a Talita, e o João é o pai, e a dona, (professora) é a mãe.

O grupo é representado como uma família que simboliza a união, o amor, a confiança do vínculo, o compartilhamento, a harmonia, onde todos estão felizes, sorrindo. Embora não haja contato entre os personagens, todos estão próximos uns aos outros. São apresentados dois meninos e uma menina, como uma fraternidade, e o psicólogo é posto ao lado da professora os quais simbolizam bons objetos de identificação. A autora demonstra generosidade por ter colocado os outros e não ela neste desenho.

No plano superior são acrescentados elementos da natureza: O sol, instância superior, que brilha, ilumina; as nuvens brancas, símbolo da leveza, da pureza, do grupo purificado; flores, símbolo da ternura, da amizade, da sensibilidade; a borboleta, símbolo do isolamento que tornou-se liberdade, da transformação; as árvores de copas fechadas, símbolos do grupo como um corpo.

#### **Anexo 4**

Autor: Talita

Título: sem título.

Explicação da autora: XX é a empresa que o pai dela trabalha. Ele também se chama João. Ela pergunta para mim se eu conheço a empresa do pai dela, mas eu não conheço.

A autora não se coloca próxima ao João, mas sozinha junto ao João. São excluídos os amigos ou familiares. Esta criança, ou pré-adolescente, coloca-se como adulta, trajando sapatos de salto-alto e vestido florido. O grupo

facilita o surgimento de fantasias, de desejos proibidos e o desenho é uma forma da manifestação destes desejos inconscientes. Este desejo lhe causa medos que são projetados na figura do psicólogo, através do “não” posto em sua fala.

## **Anexo 5**

Autor: Danilo

Título: “Sexo e mar”

Explicação: Ele iria fazer uma cópia do desenho do livro, mas resolveu fazer uma coisa mais original.

São representados três personagens, a triangularidade do próprio grupo. O grupo é representado aqui, como objeto de prazer, como um grupo narcísico, que tira prazer de si mesmo através da masturbação aceita, é um grupo auto-prazeroso. É um grupo que fica livre das inibições, das proibições; é auto-suficiente de prazer, que conseguiu se desnudar.

Este desenho representa uma atuação pelos impulsos sexuais. De um ponto de vista tópico, atuam pelo Id.

## **Anexo 6**

Autor: Manoel

Título: “Férias na praia”

Explicação: Fez junto com Danilo. Me mostra a figura da qual fez a cópia.

Por mas que o conteúdo do desenho seja retirado do livro, a imagem trazida é a representação do grupo naquele aqui-agora. As férias representam o descanso. Ambos os desenhos, este e o de Danilo são transferências positivas.

### **Anexo 7**

Autor: José

Título: “Xuxa para baixinhos”

Explicação: Me mostrou o *CD* do qual copiou aquela imagem

O grupo é representado como um círculo. Isto igualmente simboliza um auto-prazer narcísico. A figura do menino com sorriso, de braços abertos simboliza uma desenvoltura, um prazer, uma alegria, um movimento.

### **Anexo 8**

Autor: Gustavo

Título: “Times clássicos”

Explicação: Estes personagens são, da esquerda para a direita, Gustavo (o autor), Idalgo e Talita, que também gostam de jogar futebol.

Este desenho permite a realização do desejo de ser adulto, através da representação de grandes profissionais do futebol. Observamos ainda que existe uma identificação com estrangeiros, já que os “times clássicos” eleitos por Gustavo são estrangeiros

## **Anexo 9**

Autora: Beatriz

Título: “Casa do *Recriança*”

Explicação: A autora fez o desenho de suas amigas, Luana, Marjore (que freqüentam o *Recriança*) e Ramira.

As personagens do desenho compartilham o espaço. Novamente vemos na parte superior representações de objetos da natureza que denotam um ambiente tranqüilo, o sol, as nuvens, flores e a árvore com frutos e copa fechada, símbolo da proteção, do amparo, da envoltura da pele, do corpo materno. O grupo é trazido como esse corpo materno, bem-protegido, bem-alimentado.

## 5. CONCLUSÃO

A análise dos conteúdos obtidos a partir das reuniões grupais com o grupo de crianças que teve a música como tarefa, pode ser realizada em dois níveis. O primeiro, através de uma atividade psíquica consciente, manifesta, e o segundo, em um nível inconsciente, que se compreende através de uma análise interpretativa que toma seus conceitos a partir das teorias psicanalíticas.

Nesta análise dos conteúdos dos encontros, buscamos centralizar nossas observações não apenas no nível egóico, consciente ou manifesto pelo grupo, mas, principalmente, observamos outros sistemas, como o Id e o Superego, entendendo que os fenômenos conscientes são consequência de processos inconscientes fundamentais, onde os fantasmas individuais dos membros do grupo entram em ressonância uns com os outros, o que torna o grupo como uma imago comum. Sendo assim, o foco de nossas análises se deu nos fenômenos afetivos ou sentimentais demonstrados pelo grupo de crianças.

Percebemos que formações e processos inconscientes se projetam nas atividades musicais do grupo. Assim como no sonho, o grupo é um lugar de realização alucinatória dos desejos, da exteriorização de processos internos (Kaës, 1976), e desta forma, o grupo também é uma representação ao fazer atuar os processos de condensação, deslocamento e simbolização.

Pudemos observar que, em todas as reuniões, as crianças sensibilizam-se aos fenômenos psíquicos grupais e se realizam através de identificações, projetando no aqui-agora outros grupos da televisão, de imagos masculinas e

femininas. Supomos que muitos dos aspectos das relações grupais estabelecidos no aqui-agora do grupo foram construídos dentro de um referencial semelhante ao modelo primário, que é ou foi o ambiente familiar. As representações do grupo ocorrem através destas mudanças. Portanto, percebemos que há neste espaço uma ruptura com esse modelo primário, onde as crianças, por formarem um grupo com seus pares, por estarem numa situação de fraternidade, buscam adquirir novos objetos de identidade, passando por uma angústia tão problemática como o desmame.

Ao contrário do ambiente familiar ou da escola, a técnica de *psicodiagnóstico* através das atividades musicais tem como característica ser não-diretiva, permitindo que o grupo proceda a sua própria evolução, realize seus desejos livremente, demonstre suas fantasias, e seja criativo. Permite ainda manifestar suas emoções sem inibição e sem sentir aquele espaço como ameaça dessas realizações de seus desejos (como a família e a escola) e, desta forma, amplia-nos as vias de acesso aos conteúdos inconscientes.

Além disso, a característica não-diretiva garante que o grupo funcione de forma autônoma e tenha a oportunidade de se auto-organizar e trazer temas genuinamente relevantes, visto que são eleitos pelos próprios integrantes.

Foi possível a criação de um espaço onde o grupo pudesse se abster do nível racional e funcionar de forma criativa e espontânea.

Outros fenômenos grupais que puderam ser observados através desta experiência foram, por exemplo, a idealização do grupo como um objeto bom e a transferência positiva ao psicólogo antes mesmo de iniciadas as reuniões grupais. Também, no início das reuniões, observamos um fenômeno apontado por Kaës (1997), que demonstra que alguns participantes têm a tendência de

fecharem-se em uma redoma de vidro para que não sejam ameaçados pelo grupo, enquanto outros agem de forma oposta, impondo seu ego aos demais, reivindicando as atenções.

O desejo das crianças de atuarem como adultos também foi observado ao longo de todas as reuniões, assim como no trabalho de Oliveira (1993), desejo este demonstrado em diversos níveis, através das identificações com cantores ou personagens adultos, do desejo de terem relações sexuais, de terem posses, dinheiro, de usarem ornamentos de adultos, etc...

O grupo mostrou uma tendência a ocupar-se mais da tarefa musical ao longo das reuniões. Essa tendência ocorreu de forma oscilante: ora o grupo regredindo, ora evoluindo na realização da tarefa. Nos momentos em que a tarefa musical pareceu esquecida, em que o grupo se portou conforme o princípio do prazer, o espaço grupal permitiu que realizassem seus desejos, que exteriorizassem seus monstros, fantasias, imaginações, angústias e conflitos em relação à sexualidade. Desta forma, tiveram, neste espaço, a oportunidade de ampliar sua consciência sobre esses conteúdos, fortalecendo o ego de seus integrantes.

Nos momentos em que realizavam a tarefa musical, principalmente nos últimos encontros, evidenciou-se que a música, o canto e a poesia são imagens, sensações, transcrições sensoriais de uma impressão mental, construídas pelas crianças através de suas representações de mundo, a partir de seus esquemas, seus referenciais.

A música manifestada através dos instrumentos e da voz é um modo natural de expressão, assim como os jogos ou os contos narrados. As crianças demonstraram prazer em suas execuções. Suas imaginações puderam ser

manifestadas livremente, através dos cantos, das palavras livres, das conversas e dos desenhos. Enfim, as atividades musicais possibilitaram um ambiente onde o grupo pôde criar, e fazer associações que nos permitiram a realização de análises dos conteúdos inconscientes apontados no decorrer do trabalho.

A tarefa musical foi vista pelo grupo como uma brincadeira, como uma fonte de prazer. Freud (1908) entende que o brincar exerce a função de reordenar o mundo infantil de forma gratificante, apoiando objetos e circunstâncias imaginados no mundo real, auxiliando a criança a começar diferenciar seu mundo fantástico da realidade.

Melanie Klein (1981) relaciona o brinquedo ao sonho, cuja função primordial é a satisfação dos desejos e, além disso, o brincar significa um triunfo sobre a realidade frustrante.

Os nossos resultados expressam que as atividades musicais do grupo preenchem uma função de sublimação como uma tentativa de superar as exigências pulsionais e achar uma saída na reunião grupal, nos instrumentos e na música naquele espaço e tempo.

A técnica de *psicodiagnóstico* através da música foi bem aceita pelo grupo e, em pouco tempo, foi capaz de promover transformações em diversos níveis. As crianças encontraram a possibilidade de manifestar um espírito coletivo, de demonstrar sentimentos de compartilhamento e pertinência, garantindo assim que desenvolvessem suas capacidades de sociabilidade, melhorando o vínculo com o psicólogo e entre eles. Permitiu adquirirem conhecimentos musicais e, desta forma, a elaboração da tarefa musical e obtenção de prazer nesta realização, sentindo-se orgulhosos e reconhecidos

por sua produção. Todas estas transformações se deram não em um nível da memorização de informações, mas de forma mais profunda, na formação destas crianças. Neste espaço grupal, foi possível a transformação de fezes em ouro, da bagunça em criatividade, do desrespeito em amor.

Em um âmbito político e econômico notamos que, com poucos recursos financeiros, foi possível a realização da técnica de *psicodiagnóstico* através da música, que se mostrou uma rica forma de intervenção social preventiva.

Apresentamos nesta dissertação uma sucinta contribuição no campo das experiências psicanalíticas com grupos infantis, utilizando a técnica de *psicodiagnóstico* através da música e as técnicas de interpretação de Mathieu. Entretanto, consideramos necessária a realização de novas experiências que utilizem esse delineamento metodológico, a fim de podermos obter uma compreensão ampliada das possibilidades de realização destas técnicas.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Anzieu, D. (1993). *O Grupo e o inconsciente: o imaginário grupal*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Bennet, R.(1988). *Uma breve história da Música*. Jorge Zahar Editor, 3ª edição

Bion, W. R. (1961). *Experiências com Grupos*. Rio de Janeiro: Imago.

Bleger, S. (1993). *Temas de Psicologia: entrevistas e grupos*. São Paulo: Martins Fontes.

Brandão, J. S.(1996). *Mitologia Grega*. Vol. II 7ª edição Ed. Vozes.

Decherf, G. (1986). *Édipo em grupo: Psicanálise em grupos de crianças*. Trad. por Carlos Eduardo Reis. Porto Alegre, Artes Médicas.

Diel, P. (1991). *O simbolismo na mitologia grega*. São Paulo Ed. Altar.

Ehrenzweig, A. (1977). *Psicanálise da percepção artística*. Ed. Zahar.

Farnsworth, P. R. (1969). *The Social Psychology of Music*. Iowa: The Iowa State University Press

Freud, S. (1905). *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Standart, Brás.  
Rio de Janeiro, Imago, 1977. vol. VIII.

Freud, S. (1908). *O poeta e a fantasia*. Obras completas, Madrid, Biblioteca  
Nueva, 1968, v.II

Freud, S. (1913). *Totem e tabu*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, Vol. II

Freud, S. (1921). *Psicologia do grupo e análise do ego*. [Trad. J. Salomão]. Ed.  
Standart Brasileira das Obras completas de S. Freud, v. 18. Rio de Janeiro:  
Ed. Imago, 1987

Freud, S. (1974). *O ego e o Id*. Edição Standard Brasileira das Obras  
Psicológicas Completas (Vol. XIX) Rio de Janeiro: Imago. [Originalmente  
publicado em 1923].

Foulkes, S.H. (1964). *Psicoterapia de grupo: abordagem psicanalítica*. Rio  
de Janeiro, Imago, 1969.

Huber, R. D. (1995). *Estudo dos organizadores psíquicos grupais e  
socioculturais através do desenho infantil*. Tese de mestrado. Pontifícia  
Universidade Católica de Campinas

Kaës, R. (1997). *O grupo e o sujeito do grupo: elementos para uma teoria  
Psicanalítica do grupo*. São Paulo, Casa do Psicólogo.

Kaës, R. (1976). *El aparato psíquico grupal: Construcciones de grupo*. Espanha: Granica Editor.

Käes, R., & Anzieu, D. (1989). *Crônica de um grupo*. Barcelona: Gedisa.

Klein, M. (1952). *The origins of the transference*. Int. J. Psycho-Anal. 33,433-438.

Klein, M. (1981). *Contribuições à psicanálise*. 2ª Ed. São Paulo, Mestre Jou.

Mathieu, P. (1967). *Essai d'interprétation de quelques pages du revê celtique*.  
Revista Interpretación.

Meyer, L. (1956). *Emotion and Meaning in Music*. Chicago, The University of Chicago Press.

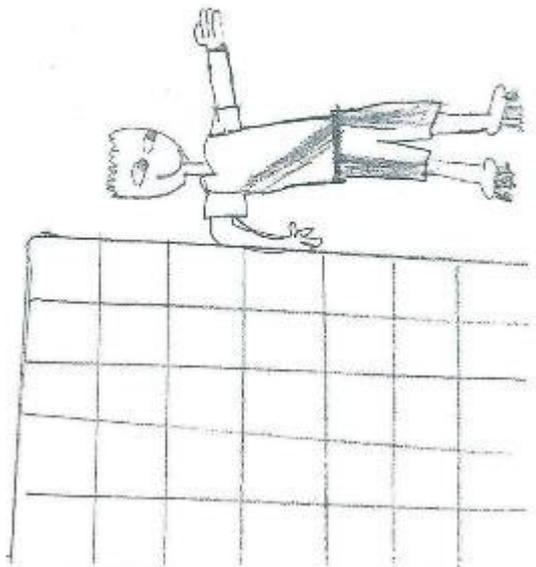
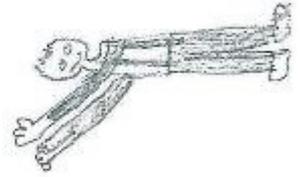
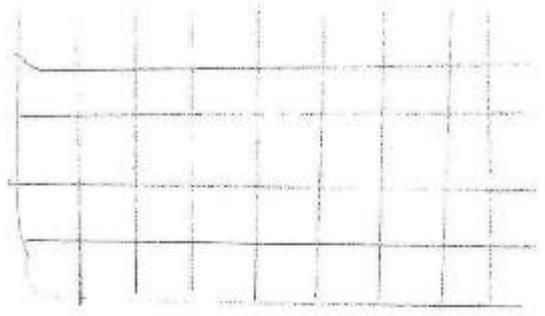
Noy, P. (1967). *The Psychodynamic Meaning of Music – Part II*. Journal of Music Therapy, IV, March.

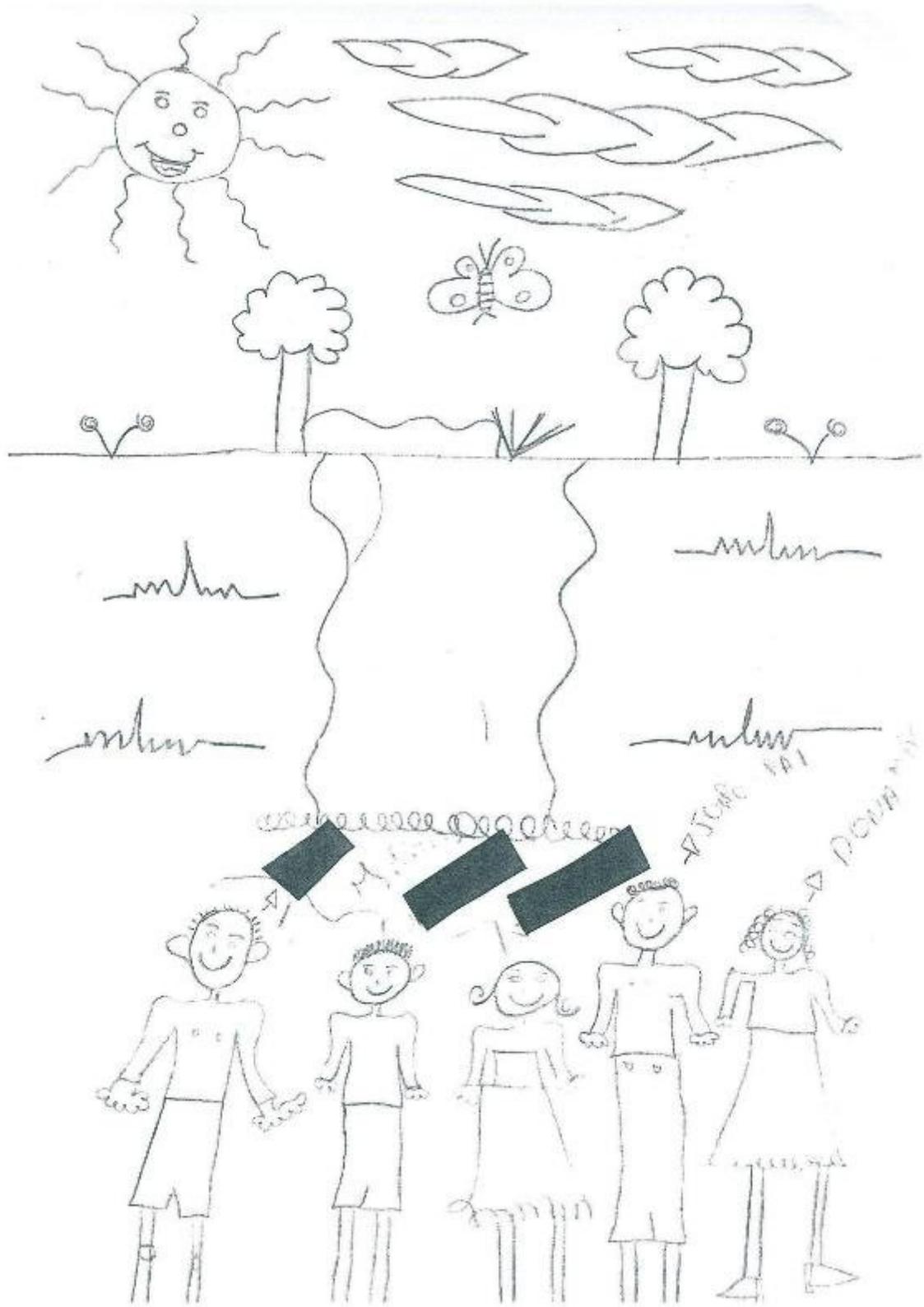
Oliveira, H. C. (1993). *Brincando de ser adulto: um estudo sobre os desejos num grupo de crianças*. Tese de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas

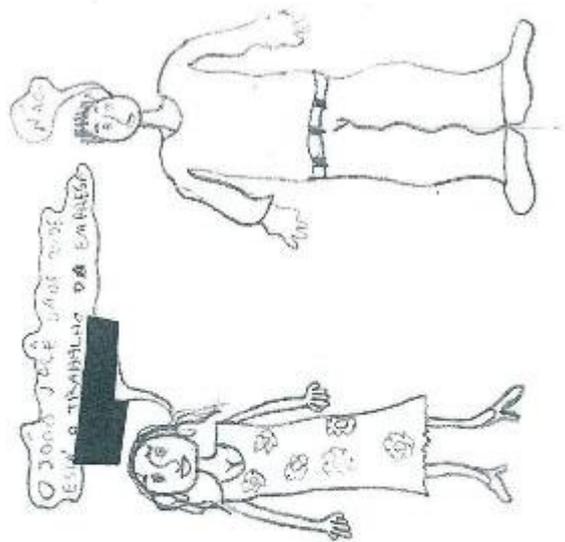
- Pichón-Rivière, E. (1982). *O processo grupal*. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Pontalis (1963). *Lê petit Groupe comme objet*. Les Temps modernes. 211, 1057-1069.
- Ruud, E. (1990). *Caminhos da musicoterapia*. São Paulo, Simmus, [Tradução Vera Wrobel].
- Schuré, E. (2003). *Os grandes Iniciados*. Vol. 5, Orfeu, Ed. Martin Claret.
- Térzis, A. (2003). *Tradução do simbolismo mítico em linguagem psicológica*. Manuscrito. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Não publicado 18p.
- Térzis, A. (2005a). *Grupo de atividades com crianças: processo de humanização*. Revista Estudos de Psicologia Campinas.
- Térzis (2005b). *Psicanálise, grupalidade e cultura*. Campinas: Ed. Magister-Baron.
- Térzis, A. (2005c). *A Psicologia Hoje*. Campinas: SPAG.
- Térzis, A. (2006). *Construções para uma Teoria dos Grupos*. Anais do VI Simpósio CEFAS. Campinas: CEFAS.

Verdeau-Pailles, J. & Guiraud-Caldadou, J.M. (1979) *Las técnicas psicomusicales activas de grupo y su aplicación en psiquiatría*. Barcelona: Ed. Científico Médica.

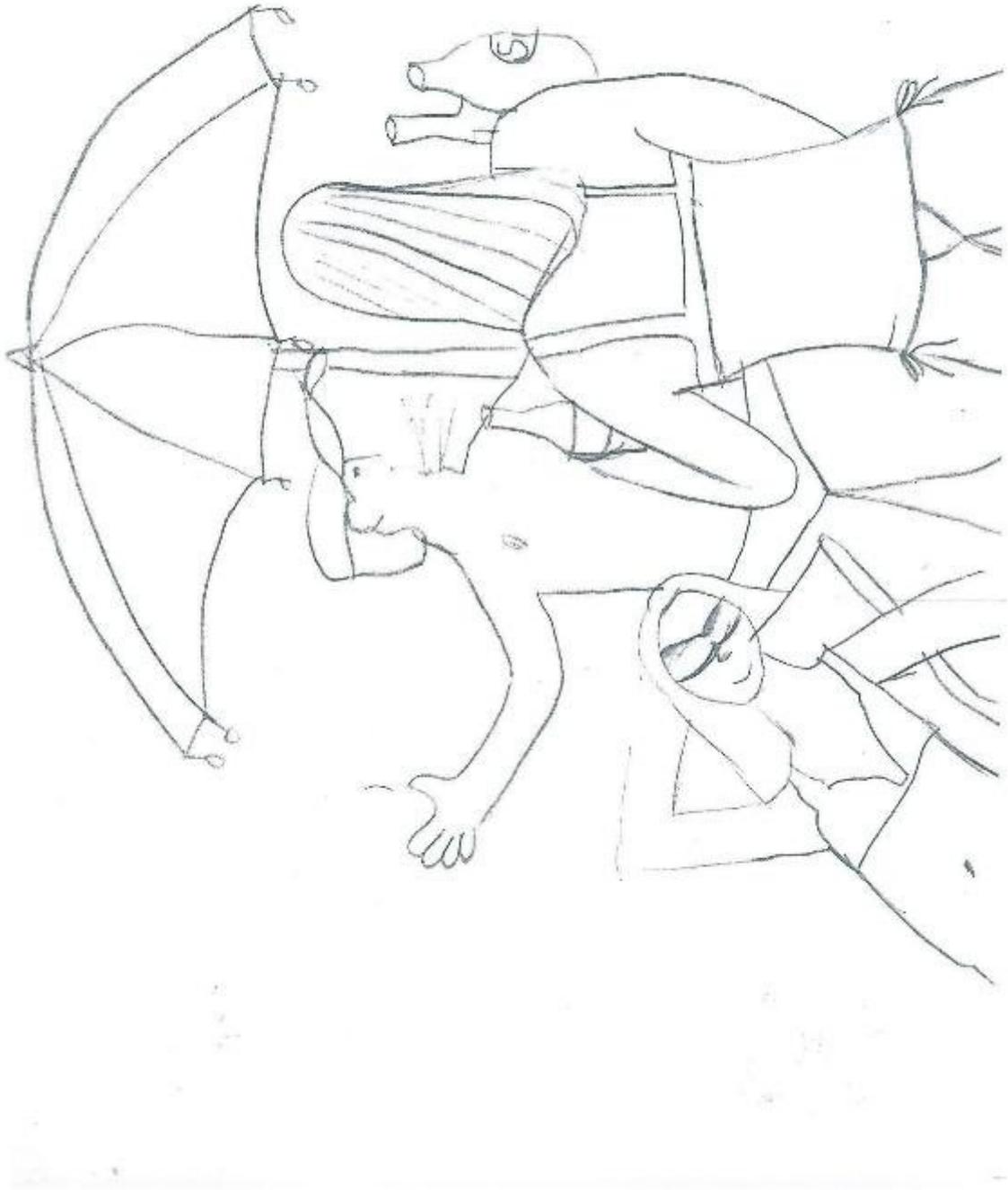




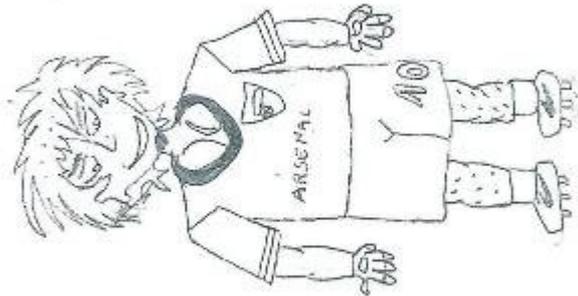
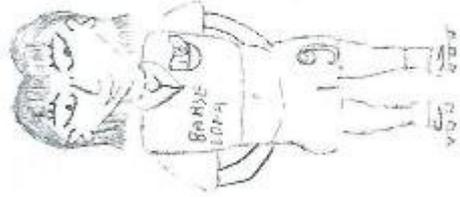


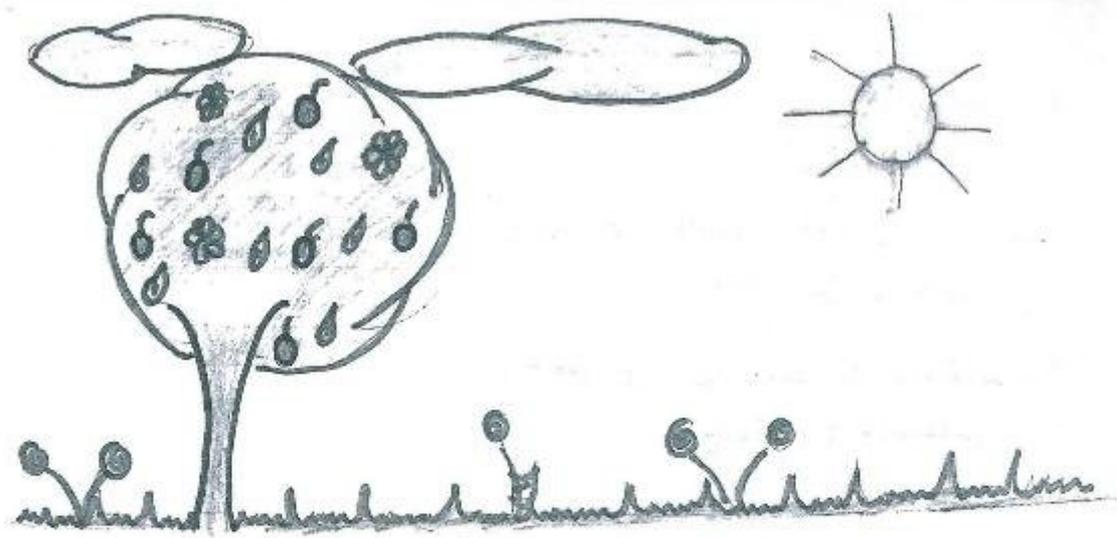












CASA DO REGRIANÇA.

